

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
ESPECIALIZAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E CONSERVAÇÃO ARTEFATOS



Gisela de Albuquerque Frattini

Monografia apresentada ao Curso de Pós-graduação em Artes, sob orientação da Professora Me **Ana Paula Neto de Faria**.

PELOTAS
ABRIL DE 2006

Agradecimentos

As arquitetas Carmem Vera Roig e Simone Soares Delanoy, com amizade e carinho foram responsáveis pelo meu trabalho com o Patrimônio Cultural e por consequência esta especialização;

A arquiteta Beatriz Maria Bitencourt Dias, pela amizade, críticas e sugestões;

Aos colegas da Secult, arquitetas Liciane Almeida, Michele Bastos, Paulina von Laer, e o acadêmico de arquitetura Tiago Dionello, por todo o apoio e contribuições fundamentais para conclusão deste trabalho;

A acadêmica de arquitetura Juliana Gadret da Silva, pela elaboração do banco de dados, desenho dos mapas e gráficos;

Aos professores Maurício Couto Polidori, e Ana Lúcia Costa de Oliveira e ao historiador Mogar Pagana Xavier, pelo auxílio na bibliografia;

Ao colega, Carlos Henrique Teixeira, responsável pelo Arquivo Municipal da Secretaria Municipal de Urbanismo, pelo auxílio na localização das plantas,

A Manuela Ferreira Viana, pelo auxílio na informática;

A Daniele Luckow pela contribuição na finalização dos mapas e gráficos;

A arquiteta Ana Paula Neto de Faria, pelo ensinamento, dedicação, paciência, mostrando o verdadeiro significado da palavra orientação, meu eterno agradecimento;

E por fim a todos colegas e professores em especial a professora Francisca Ferreira Michelon, Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Artes, especialização em Patrimônio Cultural e artefatos do Instituto de Artes e Design UFPel.

Dedicatória

Aos meus queridos pais,
ao Fábio e ao Antonio

*“...Na casa em que morei, velha,
Cheia dos maus e bons cheiros
Das casas que tem história,
Cheia de ténue, mas viva, obsidiante memória
De antigas gentes e traças,
Cheia de sol nas vidraças
E de escuro nos recantos,
Cheia de medo e sossego,
De silêncios e de espantos,
À qual sempre quis como se fora
Tão feita ao gosto de outrora
Como as do meu aconchego...”.*

Sumário

1- Introdução	1
2- A produção arquitetônica na Região do Prata e Sul do Brasil no século IX e primeira metade do século XX	2
2.1- A formação da mão de obra	2
2.2- A linguagem arquitetônica	5
3- O uso de cimento penteado	8
4- O uso de cimento penteado em Pelotas.	14
4.1 Levantamento de dados	16
4.1.1 Levantamento no Arquivo Público da Secretaria Municipal de Urbanismo	16
4.1.2. Levantamento no Inventário do Patrimônio Cultural de Pelotas de 1986 e de 2001	18
4.1.3 Levantamento a campo	18
4.1.4 Algumas considerações preliminares sobre os dados levantados	20
4.2 Elaboração do banco de dados para os prédios encontrados	21
4.3 Análise de dados e caracterização dos prédios de cimento penteado	23
4.3.1 Caracterização da arquitetura de cimento penteado	23
4.3.2 Construtores e proprietários	35
4.3.3 O cimento penteado e a paisagem urbana	39
4.3.4 Avaliação dos aspectos urbanos que podem influenciar na preservação	40
5- A construção dos argumentos para a preservação da arquitetura de cimento penteado	45
5.1 Argumentos presentes nos documentos nacionais e internacionais de preservação patrimonial – conceitos e aplicabilidade	46

5.2 Argumentação baseada na análise dos dados levantados neste trabalho	47
5.3 Dificuldades encontradas para preservar o cimento penteado	48
5.3.1 Problemas relativos à legislação de preservação	48
5.3.2 Problemas oriundos da situação urbana onde estão inseridos	49
5.3.3 Problemas técnicos quanto a sua manutenção e restauração	51
6- Conclusões e considerações finais	51
7- Depoimentos	53
8- Bibliografia	54
9- Anexos	58

1. Introdução

A cidade de Pelotas é impar por sua arquitetura, repleta de casarões imponentes, mas também de inúmeras casas de beleza singela, todas repletas de valores históricos e culturais. Entre estas últimas encontram-se diversas tipologias que utilizaram cimento penteado como revestimento. Este revestimento, cuja técnica se perdeu em algum momento do passado, não pode desaparecer por falta de políticas de preservação adequadas pois faz parte da memória da paisagem urbana de nossa cidade.

A permanência deste revestimento em muitos prédios da cidade é resultado da ação individual dos que o conservam em suas fachadas porque gostam e as acham bonitas, talvez por expressarem uma nostalgia com suas marcas escuras e brilhantes, porém muito já se perdeu com a pintura indiscriminada de muitos prédios revestidos de cimento penteado o que cobriu também parte da história da arquitetura de Pelotas.

Com o meu trabalho na Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura Municipal de Pelotas, surgiu um interesse em estudar estas fachadas. Constatei a existência de vários exemplares revestidos com cimento penteado no Inventário do Patrimônio Cultural de Pelotas, mas faltava uma base sólida para justificar e explicar para a população leiga que arquitetura é essa e qual a sua importância. Diferentemente da arquitetura eclética, esta não possuía trabalhos sistemáticos que a descrevessem e a explicassem como uma arquitetura digna de ser preservada.

Com dificuldades de encontrar bibliografia sobre este tema, para a elaboração desta monografia, além de uma busca na bibliografia pertinente, pesquisei os arquivo da Secretaria Municipal de Urbanismo, os arquivos do Inventário do Patrimônio Cultural de Pelotas e realizei um levantamento a campo registrado por fotografias.

Para o levantamento junto ao arquivo da Secretaria Municipal de Urbanismo foi feito um recorte temporal de 1900 a 1950. Para o levantamento a campo o recorte espacial ficou definido pelo quadrilátero delimitado pelas ruas Dr. Amarante, Av. Dom Joaquim, Rua Gonçalves Chaves, rua Marcílio Dias, e às

construções da Av. Duque de Caxias e Av. Brasil. No levantamento foram encontradas 252 construções em cimento penteado, incluindo aquelas que atualmente estão pintadas ou foram demolidas, mas que possuem um registro fotográfico na Secretaria de Cultura. Foi neste universo de 252 exemplares de arquitetura revestida em cimento penteado que realizei minha pesquisa. Meu interesse é apenas resgatar culturalmente este revestimento que deixou sua técnica perdida em algum momento do passado, mas que não pode desaparecer pois faz parte da memória da paisagem urbana da nossa cidade.

Para desenvolvimento do trabalho foi elaborado um banco de dados do levantamento fotográfico feito a campo, junto ao levantamento fotográfico dos arquivos da Diretoria do Patrimônio Cultural da Secretaria Municipal de Cultura tendo como objetivo fazer um levantamento destas construções e determinar quais as características que acompanham seu uso, visando construir argumentos para sua preservação.

2. A produção arquitetônica na Região do Prata e Sul do Brasil no século XIX e primeira metade do século XX

2.1 A formação da mão de obra

Até o final do século XIX e princípio do século XX era grande o número de imigrantes vindos da Europa para o sul do Brasil e região platina, almejando o trabalho na indústria ou no comércio. Nesta época, Pelotas se desenvolvia com a produção do charque e sua exportação, feitos que influenciaram o crescimento econômico em outras atividades, bem como o aprimoramento cultural e o desenvolvimento urbano.

A indústria do charque, concentradora de vultosos capitais na região será também impulsionadora de outras atividades econômicas, sejam elas complementares, como curtumes, fábricas de velas, de cola, de sabão, de guano, de línguas salgadas e outras; ou paralelas como olarias, empresas de navegação, comércio de madeira, empreendimentos bancários e creditícios, companhias de seguro, etc (HALLAL DOS ANJOS, 2000, p.38). A cidade passa, então, a se consagrar como centro regional e pólo de atração para migrações internas e

imigração estrangeira, face a sua proximidade com a fronteira uruguaia e à facilidade proporcionada pela presença de um porto fluvial. Marcos Hallal dos Anjos (2000, p.43) escreve sobre o porto de Pelotas:

“Importantíssimo elo de ligação entre Pelotas e o mundo, numa época em que o transporte fluvial e marítimo era hegemonic. Saúde e doença, arte e armas, alimento e vestuário, cultura e moda, gente e coisa, chegavam e partiam pelo porto de Pelotas.”

Uma corrente de imigração importante para a cidade de Pelotas no século XIX foi àquela formada por trabalhadores e artesãos de diversas origens européias (principalmente franceses, espanhóis e italianos) que integraram o tecido social e econômico da cidade. A maioria desses imigrantes procedia de Montevidéu e Buenos Aires e chegaram à cidade a partir do ano de 1840. Sem dúvida, é no dinamismo da economia local e nas possibilidades de desenvolvimento urbano que poderíamos fixar as principais razões do fluxo de imigração para o Município.

Ceres Chevallier (2002), na sua dissertação de mestrado em que resgatou a história da vida, a obra e a participação do arquiteto italiano José Isella na edificação da cidade de Pelotas, relata que ele teria passado por Buenos Aires, antes de chegar a Pelotas, assim como o construtor e arquiteto Caetano Casaretto. Descreve a autora: “*Caetano Casaretto era filho de Jerônimo Casaretto, que, como tantos italianos, partiu em busca de uma vida melhor (...) No ano de 1853, Jerônimo, com seus pais e irmãos, desembarcou em Buenos Aires, passou pelo Uruguai e, após, chegou ao Brasil pelo porto de Rio Grande*” (*ibid.* p.71). Sobre as imigrações Beatriz Padilha (2003) comenta:

”...igualmente outros autores coincidem ao referir que a Argentina era atrativa para os imigrantes porque os salários eram mais elevados que os salários na Itália ou Espanha”... “Além do mais, os imigrantes conseguiam atingir mais mobilidade social que os criollos ou nativos devido aos preconceitos existentes nas elites locais. Assim, a grande maioria da força de trabalho tanto qualificada como não qualificada (mais de 80%) era composta por imigrantes.”

A grande afluência desta mão de obra estrangeira aos países do Prata e seu posterior deslocamento ao Brasil, vem a constituir uma identidade de produção

cultural e arquitetônica nesta região, ainda que sopessem as diferenças históricas e lingüísticas de colonização.

No caso específico de Pelotas, havia uma mescla de imigrações com a presença de diversas etnias: alemães, italianos e outros que marcaram com seus valores culturais a história da cidade.

Europeus de origem portuguesa, italiana e alemã aportaram ao Novo Mundo como colonos; ao naturalizarem-se, declararam ser escultores, pintores, artistas, pedreiros e marceneiros. Entre os franceses encontramos um grande número de sapateiros, carpinteiros e marceneiros. Entre os espanhóis se encontram confeiteiros, padeiros e pedreiros; igual aos italianos, mas diferentemente dos portugueses entre os quais encontramos um número elevado de caixeiros-viajantes. (GUTIERREZ, 2004, p.466).

A partir das últimas décadas do século XIX, comerciantes e industriais atraiam outros técnicos estrangeiros (engenheiros, arquitetos, tipógrafos, químicos, agrônomos) de nacionalidade alemã, francesa ou italiana para trabalhar na cidade sendo responsáveis pela introdução de inovações na arquitetura que continua seguindo os padrões europeus. Juntamente com estes, outros profissionais relacionados com a elite e seus desejos de luxo e opulência também chegaram à cidade, como foi o caso dos professores, artistas, pintores, músicos, que ministriavam aulas para os filhos da aristocracia local. O ambiente citadino pelotense influenciado por diversos padrões culturais europeus, acolheu estes elementos estrangeiros, bem como integrou seus agentes disseminadores ao seu contexto social.

Assim, na cidade de Pelotas prestaram serviços técnicos e artísticos várias pessoas de diferentes lugares. O Velho Mundo exportava mão de obra qualificada e erudita, homens que tiveram acesso ao conhecimento tratadístico. Naqueles tempos, na fronteira sul do Brasil e nos países banhados pelo rio da Prata, os tratados eruditos e os símbolos clássicos representavam um fator de modernização nas obras urbanas. Em Pelotas, temos os exemplos dos já citados construtores e arquitetos José Isella e Caetano Casaretto, assim como do projetista francês Dominique Pineau e do arquiteto Stanislau Szarfarki que projetou o teatro Guarany no ano de 1920 (MOURA, e SCHLEE, 1998, p.118).



Figura 1 - Teatro Guarany, obra do arquiteto Stanislau Szarfarki, 1920. Foto da autora, 2005.

2.2 A linguagem arquitetônica

O Ecletismo era o estilo arquitetônico próprio do século XIX. Tendo como berço o continente europeu foi adotado pela burguesia na sua busca pela legitimação através dos símbolos das culturas tradicionais e aristocráticas, assim dava primazia ao conforto, amava o progresso especialmente quando melhorava suas condições de vida, amava as novidades, mas rebaixava a produção artística e arquitetônica ao nível da moda e do gosto.

A arquitetura construída em Pelotas ao longo da segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX, se aproxima daquela construída no restante da América Latina, onde até o fim da década de 1920 ocorreu um predomínio do ecletismo formado por um neoclassicismo afrancesado, somado a um neorenascimento italiano e a vários *revivals* românticos. Através do capital acumulado com a produção do charque foi possível construir um conjunto de obras que transformaram a cidade de Pelotas, de um núcleo colonial, em uma importante cidade eclética do Rio Grande do Sul (MOURA, 1998). Esta arquitetura eclética adquiriu uma identidade própria caracterizando-se por uma qualidade artesanal dos diversos elementos em massa adoçados a posteriori ao edifício.

Na Europa, em finais do século XIX e princípio do século XX, começava a surgir um novo movimento arquitetônico, o *Art Nouveau*, também conhecido como estilo 1900 ou o estilo *Liberty*. Na região platina e principalmente no sul do Brasil a adoção deste movimento arquitetônico, enquanto linguagem formal, se dará mais

tarde. Este movimento apresentava uma tendência arquitetônica inovadora que substituía a decoração eclética das antigas fachadas por outra com formas assimétricas derivadas da natureza e manipuladas com obstinação e vigor, negando qualquer ligação com o passado. Possuía um desenho mais simples e racional que além de decorar, adorava a leveza, a sutileza, a transparência e a sinuosidade. Utilizava materiais como ferro e vidro, sendo o ferro material decorativo e estrutural.

Este estilo terá seqüência pelo movimento Art Déco, ainda usando os materiais de ferro e vidro, pois eram materiais que a indústria colocava como de última geração para a construção civil na época. Procurava inspiração em linhas geométricas, despojado, era fruto direto da Revolução Industrial. Com isto o ecletismo de períodos passados convivia, no espaço urbano, com um movimento que utilizava linhas racionais e funcionais e já percebia a vocação do futuro da arquitetura. O Art Déco estava também vinculado à solução de problemas construtivos, como proteção de alvenarias e aberturas. Estas reformas indicavam novos gostos, expressos através desta decoração, que não impunha limite econômico. As fachadas tendem a se tornar planas, as platibandas começam a mostrar desenhos geométricos, as fábricas e os armazéns apresentam uma linguagem bem simplificada e alguns elementos como as pilastras apresentavam saliências em algumas fachadas.

A partir da década de 20, também é este movimento um dos responsáveis pelo desenvolvimento arquitetônico no Uruguai e na Argentina. Refletiu-se tanto em obras com características mais eruditas utilizando materiais novos e nobres, realizadas pelos profissionais formados nas escolas de arquitetura de países latino-americanos, como também inspirou valores apropriados e traduzidos nas inúmeras imitações empíricas realizadas pelos construtores (MOURA, 1998, p.164). A história da renovação da arquitetura uruguaia é um exemplo da importância da formação profissional mais ampla nestes processos de modernização. Jovens arquitetos, formados em Montevidéu, na Faculdade de Arquitetura da Universidade da República, criada no ano de 1915, recebiam como prêmio realizado pelos veteranos, uma viagem à Europa, o que propiciava trabalhar em escritórios de arquitetos que estavam à frente do processo de renovação da arquitetura européia. No retorno ao seu país, muitos destes profissionais além de produzirem obras pautadas na nova estética tornaram-se professores na Faculdade de Arquitetura.

Para Moura, a arquitetura pelotense nas décadas de 1940 e 1950, no que se refere aos materiais e técnicas é uma arquitetura em que predominam os materiais

de barro, tijolo e telhas, sendo o madeiramento de pisos, tetos e escadas substituídos pelo concreto. As estruturas em concreto armado que viabilizam a construção em altura com vigas, pilares e lajes, foi pouco utilizada, predominando a estrutura mista com paredes de alvenaria suportando lajes e vigas de concreto. Além da utilização do azulejo em cozinhas e banheiros, este material também é adotado para o acabamento do hall e circulações de edifícios. O ferro, além de guarda-corpo de escadas, é bastante utilizado como detalhe em portas ou como material principal sempre formando desenhos geométricos. Externamente é aplicado como acabamento em peitoris ou platibandas. O material de acabamento externo mais freqüente é denominado cimento penteado, agregado ou não de mica, mas quase sempre cinza, característica que marcou essa arquitetura. A base das edificações recebe um recobrimento em mármore ou granito preto (MOURA, 1998, p.144).

Este contexto de "novas idéias" surge em Pelotas, entre outros fatos, com o uso do revestimento construtivo cimento penteado, aportado pelos arquitetos ou mestres italianos a Montevidéu, Buenos Aires e outras cidades Argentinas para "europeizar" estas metrópoles. Imitando a pedra européia, com técnica importada dos franceses, chamavam a este revestimento de *símil piedra paris* em boa parte da região do Prata. Por várias décadas se constituiu em característica marcante da produção arquitetônica das cidades mencionadas o que hoje motiva sua preservação. Exemplos de prédios com revestimento em cimento penteado nas cidades de Buenos Aires, Montevidéu e Córdoba podem ser vistos nas fotos abaixo.



Figura 2 – Prédios *Art Nouveau* em cimento penteado, Montevidéu. Fotos: Ana Paula N. Faria, 1996.



Figura 3 – Prédio *Art Nouveau* em cimento penteado, Buenos Aires. Fotos: Ana Paula N. Faria, 2002.



Figura 4 – Detalhe de edificação residencial em Córdoba, Argentina. Foto: Ana Paula N. Faria, 2002.

3. O uso de cimento penteado

O cimento penteado, como popularmente é chamado em Pelotas, traduz-se como revestimento formado por um aglomerante, em geral cal e/ou cimento, agregando areia de diversas granulometrias e diversos minerais tais como mica, dolomita, calcita, entre outros. A estes minerais que eram adicionados dá-se o nome de pó-de-pedra. No dicionário Ilustrado de Arquitetura (ALBERNAZ, 2000) aparece o

nome “pó-de-pedra” como material proveniente do britamento de pedra, composto de fragmentos de mica. Possui diâmetro máximo inferior a 0,075mm. Foi muito usado, adicionado ao reboco, nas fachadas e muros de prédios na década de 30. As modificações nas combinações e proporções dos componentes são o que alteram sua cor e aspectos característicos de textura e brilho, assim como técnicas de aplicação.

O emprego de materiais naturais limitava a paleta de cores aos tons dos cinza e beges aos ocres, ao que se agregava o branco. Outras cores também aparecem, embora em menor número, como os tons de verde e os rosados.



Rua Anchieta, 2604



Rua Gonçalves Chaves, 3432



Pça. Piratinino de Almeida, 5



Rua Barão de Santa Tecla, 355

Figura 5 – Diferenças de coloração no acabamento com o uso do cimento penteado em construções em Pelotas. Fotos da autora, 2006.

Como recurso estético, à cor se somava a textura que dependia da granulometria dos agregados, da técnica de aplicação e das ferramentas usadas para execução. Podemos notar nestes detalhes as diferenças de textura e brilho conseguidos com o cimento penteado:



Figura 6 – Diferenças de textura no acabamento com o uso do cimento penteado em construções em Pelotas. Fotos da autora, 2006.

Por último, a volumetria dada por elementos como molduras, guarda-corpos, esculturas, completavam o conjunto de recursos estéticos.



Av. Saldanha Marinho, 123



Rua Benjamin Constant 1261



Rua Gen. Telles , 517



Rua Gen. Telles , 515

Figura 7 – Exemplos de ornamentos em fachadas com cimento penteado. Fotos da autora, 2006.

Em entrevista com o Sr Fernando Monte, no dia 20 de janeiro de 2006, sobre de que forma era aplicado o cimento penteado, ele relatou que seu pai possuía um amigo construtor, cujo nome era Pedro Moncks, já falecido, e entre suas obras está a construção do prédio do Fonseca Junior, na década de 30 e que sempre comentava com ele o seguinte quanto à aplicação do cimento penteado:

"Consistia em uma massa de cimento e areia, com ou sem mica que após colocada na parede alisava-se com desempenadeira em sentido linear, de cima para baixo, como se penteasse o cabelo."



O teatro inacabado e ainda sem telhado

Figura 8 - Teatro Guarany em obras. 1920. Prédio onde foi aplicado cimento penteado na fachada.
Foto em: CALDAS e SANTOS (1994; p. 25)

Sua finalidade preponderante era a de acabamento estético, mas os fatores durabilidade e baixíssima manutenção contribuíam para a escolha deste revestimento nas fachadas de Pelotas.

O revestimento cimento penteado é conhecido em outras cidades do Brasil por diferentes nomes. O arquiteto Miguel Juliano, natural de Goiás, descreve o Palácio do Governo de Goiânia, como:

“...um prédio muito bonito, horizontal, revestido com um material que aqui em São Paulo se chamava Cirex, uma massa raspada com mica.”

Este nome também é utilizado em Porto Alegre, conforme relata a diretora do IPHAE (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado), Arquiteta Débora Magalhães da Costa, sobre a restauração do Palácio Piratini:

"No Palácio Piratini já foi feita a fachada principal há cerca de dois anos. O Governo do Estado designou uma comissão para acompanhar a obra. Havia um pessoal da Secretaria de Obras, do IPHAE, do próprio Palácio e da CIENTEC (Fundação de Ciência e Tecnologia), que acompanhavam toda a

investigação sobre o revestimento de cirex que compõe o prédio. O material tinha que ser o mesmo e precisava ser durável. Eles fizeram várias propostas até encontrar a solução ideal. Então agora a solução já foi encontrada para as outras fachadas. Só falta confeccionar." (<http://www.netcrom.com.br>).

Em Belo Horizonte, este revestimento aparece no ano de 1927 na obra do arquiteto Luiz Signorelli, descrita como utilizando um jogo de volumes imponentes e ornamentação restrita, com medalhões planos, frisos Luis XIV, colunas na varanda e cornija com dentículos sob atíco que oculta o telhado e tem como característica da época o uso do revestimento popularmente chamado de *pó-de-pedra*, composto por fragmentos de mica adicionados ao reboco (SALGUEIRO, 1987).

Mesmo nome também é dado em Juiz de Fora, cidade mineira do século XIX, que terá seu desenvolvimento industrial pautado pela modernização capitalista, trazendo para a cidade além dos apitos das fábricas e da luz elétrica, o desejo de civilizar-se nos moldes dos centros europeus:

"Nesse período, a "cara" da cidade se revestia de pó de pedra, ou seja, as construções, principalmente do centro comercial, eram influenciadas por um outro estilo arquitetônico: o *Art Déco*. Buscando uma maior racionalidade, esse estilo reduziu a decoração das fachadas a formas mais retas, mais geométricas. Nas fachadas, ao invés da pintura, se usou muito revestimento de pó de pedra, em tons cinza ou ferrugem." (http://www.casaecia.arq.br/art_decor.htm-5k)

No Rio Grande do Sul, outras cidades além de Porto Alegre e Pelotas, possuem um bom número de prédios com cimento penteado como Santana do Livramento, Rio Grande e Bagé.



Figura 9 – Escola Santa Joana D'arc. Exemplo de prédio com cimento penteado em Rio Grande. Foto: <http://www.riograndeemfotos.fot.br>



Figura 10 – Clube Comercial de Bagé. Exemplo da arquitetura com revestimento em cimento penteado no interior do Rio Grande do Sul. Foto <http://www.alternet.com.br/bage/album/index.html>

4. O uso de cimento penteado em Pelotas

Pelotas possui um bom número de exemplares de arquitetura revestida em cimento penteado, no entanto pouco se conhece sobre as características arquitetônicas e da paisagem urbana relacionadas com seu uso. Neste sentido, a presente monografia tem por objetivo fazer um levantamento destas construções e determinar quais as características que acompanham seu uso, visando construir

argumentos para a sua preservação enquanto testemunho de uma prática histórico-cultural.

Para tanto, o presente trabalho irá tentar elucidar três questões principais: que arquitetura é essa que utiliza o cimento penteado; que paisagem urbana ela ajudou a construir; e que argumentos e estratégias devem ser utilizadas para a sua preservação.

Para a primeira questão perguntas como: a) que aspectos formais da arquitetura acompanham o uso do cimento penteado? b) existe uma arquitetura típica para o cimento penteado e, portanto, exemplares típicos e excepcionais ou de exceção? c) o uso deste material acompanha as mudanças formais da arquitetura para o período ou era utilizado de forma dissociada das mesmas? deverão ser respondidas.

Quanto aos aspectos da paisagem urbana as perguntas podem ser formuladas são: a) a paisagem urbana teria realmente mudado e se tornado mais cinza conforme vem descrito em alguns trabalhos? b) esta arquitetura está associada a mudanças de implantação no lote? c) existem áreas onde o uso do cimento penteado foi preponderante ou mais significativo?

Procurando delinear considerações que possam subsidiar as políticas de preservação do município, o trabalho irá buscar respostas para questões como: a) existem hoje, em Pelotas, áreas urbanas onde há uma maior concentração destes exemplares de arquitetura e que, portanto, deveriam ser alvo de políticas de preservação específicas? b) ou os exemplares estão disseminados e a preocupação preservacionista deveria incorporar as preocupações com a manutenção do revestimento como norma geral? c) quais os argumentos que devem pautar a preservação dos exemplares de arquitetura com cimento penteado?

Pela importância deste material na arquitetura pelotense serão elencados os exemplares que por si só mereçam ser preservados, incentivando a preocupação de uma legislação que mantenha a memória de um material que perdeu seus referenciais construtivos.

Todo o trabalho foi pautado tendo como objetivo responder a estas questões. As etapas de trabalho desenvolvidas encontram-se descritas a seguir.

4.1 Levantamento de dados

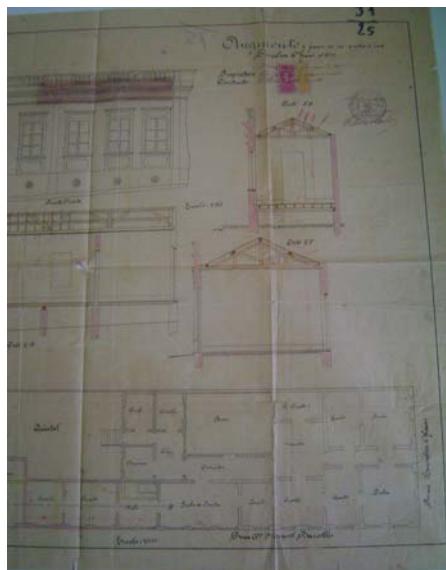
Foram realizadas três formas distintas de levantamento para a detecção dos prédios com revestimento em cimento penteado. A primeira foi um levantamento das plantas com projetos aprovados existentes no Arquivo Público Municipal da Secretaria Municipal de Urbanismo. Para esta fonte de dados foi delimitado como limite temporal o período de 1900 a 1950, já que para este período era esperado um maior número de projetos com a presença de revestimento em cimento penteado. A segunda foi realizada nos arquivos do Inventário do Patrimônio Cultural de Pelotas de 1986 e de 2001. A terceira forma de levantamento foi realizada a campo, para identificação visual das fachadas atualmente presentes na malha urbana e que apresentam revestimento deste material.

4.1.1 Levantamento no Arquivo Público da Secretaria Municipal de Urbanismo

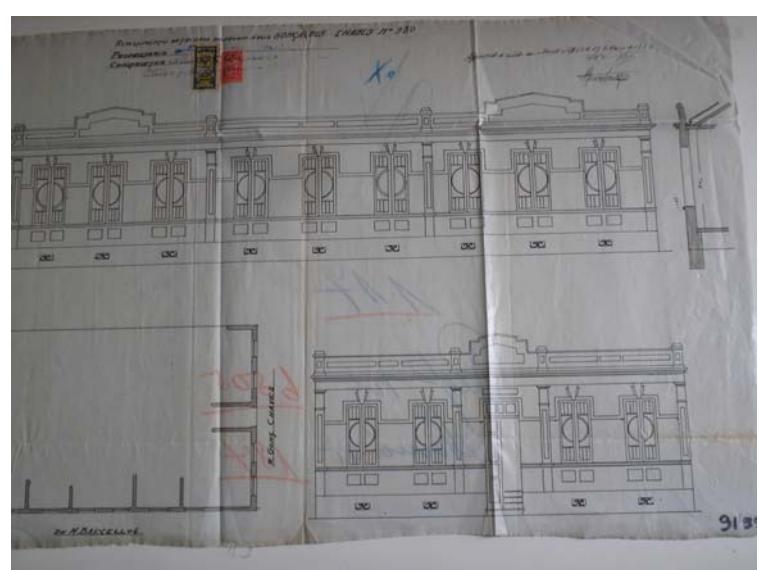
Na pesquisa feita nos arquivos do Arquivo Público Municipal da Secretaria Municipal de Urbanismo da Prefeitura Municipal de Pelotas foram examinadas as pastas dos anos de 1900 a 1950. O número total de projetos aprovados neste período segundo os dados oficiais daquela Secretaria é de 8846, no entanto, ao realizar este levantamento o número de plantas encontradas e examinadas era pelo menos 20% menor que o número oficial. Em nenhum projeto do arquivo constava o material de revestimento de fachada. Neste sentido é impossível saber, somente através destes projetos, em que construções o cimento penteado foi empregado. Perante esta dificuldade optou-se por fazer a identificação dos projetos referentes a prédios com cimento penteado, identificados através dos levantamentos realizados a partir do Inventário do Patrimônio Cultural de 1986 e de 2001 e do levantamento a campo.

Assim, com base nos levantamentos fotográficos existentes no Inventário do Patrimônio Cultural de 1986 e de 2001 e no levantamento feito a campo, foi possível identificar as plantas referentes a prédios com revestimento de cimento penteado. Em muitos projetos o endereço era diferente devido ao nome da rua não ser o atual ou em alguns casos a numeração ter sido alterada. Na atualização dos nomes das ruas foi utilizada uma tabela com a relação das alterações feitas a 51 nomes de ruas entre os anos de 1815 a 1967 (NEAB – FAUrb, sem data). Quanto às diferenças de numeração, era feita uma análise da fachada da planta com as fotos atuais para a mesma rua.

Entre as 88 plantas identificadas como sendo referentes a prédios com fachadas de cimento penteado, 2 eram referentes a mais de uma casa. Uma referente a duas casas e outro a um conjunto de quatro sobrados totalizando, portanto, 92 prédios. Entre as plantas: 2 solicitavam revestimento de fachada; 20 solicitavam alteração ou modificação de fachada; e 28 solicitavam construção, aumento ou acréscimo. O restante não estava legível ou não marcava o tipo de solicitação. Para alguns prédios, inclusive, foi possível encontrar as plantas da construção original e a posterior solicitação do recobrimento de fachada, anos seguintes a sua construção. Como exemplo, podemos citar o prédio localizado na Rua Gonçalves Chaves, nº930, que marca o ano da aprovação de um aumento de projeto em 1925 e tem a solicitação de revestimento de fachada no ano de 1935.



ano 1925



ano 1935

Figura 11 – Exemplo de prédio onde foi feito a solicitação de construção numa data e posteriormente solicitado o revestimento da fachada

Baseado nestes dados pode ser colocado como hipótese que o uso do cimento penteado foi incorporado em objetos arquitetônicos de outros momentos históricos, e desta forma, para Pelotas, pode estar associado a estruturas compositivas de fachada mais antigas.

Para estes projetos encontrados foi preenchido um banco de dados com as informações constantes nas plantas. As plantas foram digitalizadas, formando um banco de imagens (entregue em CD anexo).

4.1.2 Levantamento no Inventário do Patrimônio Cultural de Pelotas de 1986 e de 2001

O Inventário do Patrimônio Cultural de Pelotas iniciou no ano de 1986 e possui o cadastro de 246 prédios, destes foram identificados 53 com revestimento em cimento penteado. Os mesmos foram identificados pela ficha cadastral onde está registrado o material de revestimento das fachadas.

Na atualização do Inventário do ano de 2001, também consta o tipo de revestimento da fachada. Neste ano foi feita a revisão dos imóveis cadastrados em 1986, retirados os prédios demolidos e descaracterizados e acrescidos novos imóveis. Ao final ficaram listados 1700 prédios. Destes, foram identificados 150 prédios com fachadas revestidas em cimento penteado. Destes, no levantamento a campo foi constatado a pintura de 17 destas fachadas.

Foi observado no Inventário que o número de prédios revestidos com cimento penteado no ano de 1986 totalizava quase 22%, enquanto no ano de 2001 não chegava a 9% do total de prédios.

Também para os prédios identificados no Inventário foi preenchido um banco de dados com as informações constantes na ficha cadastral.

4.1.3 Levantamento a campo

Inicialmente a área escolhida para o levantamento dos prédios revestidos com cimento penteado foi a que incluía as quatro ZPPCs¹, no entanto, devido ao número relevante de prédios com o mesmo revestimento detectados fora destas zonas, a área original estendeu-se ao quadrilátero delimitado pelas ruas Dr. Amarante, Av. Dom Joaquim, Rua Gonçalves Chaves, rua Marcílio Dias, e às construções da Av. Duque de Caxias e Av. Brasil em toda sua extensão.

¹ Zonas de Preservação do Patrimônio Cultural de Pelotas

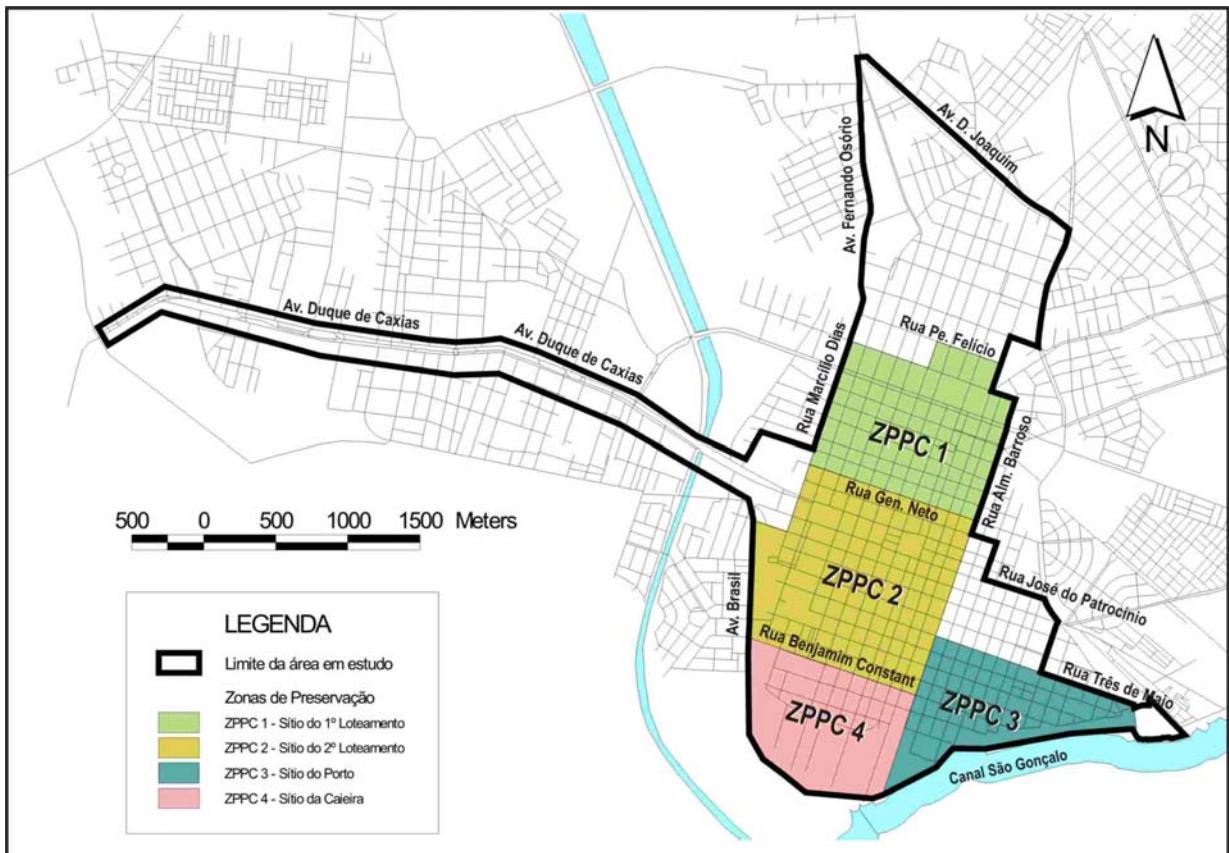


Figura 12 – Mapa das ZPPCs e o limite final de levantamento a campo.

O levantamento a campo foi feito de forma expedita, não tendo a pretensão de ter identificado todos os prédios com revestimento de cimento penteado existentes na área demarcada. O limite temporal para a realização da pesquisa e as dificuldades de identificar a existência do revestimento debaixo de pintura justificam as imprecisões porventura existentes neste levantamento.

O trajeto foi feito com veículo motorizado, normalmente aos finais de semana, em aproximadamente dois meses. Os prédios identificados foram fotografados e descritos em ficha própria. Algumas fotos foram tiradas nos dias de domingo, para se ter maior visibilidade da fachada. O fator climático também influenciou a fotografia, pois eram necessários dias de sol para poder ver a presença de algum mineral com brilho.

O levantamento foi iniciado pela Rua João Manoel, percorrendo todas as ruas paralelas até a Av. Bento Gonçalves. Dando continuidade, foram levantadas as ruas perpendiculares, iniciando pela Rua Silveira Calheca até a Rua Manduca Rodrigues. Seguido do levantamento da Av. Bento Gonçalves até a Av. Dom Joaquim, e da Rua Almirante Barroso até a Rua Marcílio Dias. No Fragata foi

analisada a Av. Duque de Caxias em ambos os lados e por último no Bairro Simões Lopes a Av. Brasil.

Na ficha foi anotada a cor do revestimento e se este possuía algum brilho, demonstrando a presença de algum tipo de mineral reflexivo. Não era interesse nesta pesquisa descobrir qual o mineral. Também era observado se havia aplicação de algum ornamento e o tipo de material empregado neste. Foram anotados quaisquer dados que pudessem mostrar a autoria do projeto como por exemplo, placas de construtores. Outro item observado era a inscrição do ano de construção. Observações sobre a disposição do prédio no terreno e sua relação com os vizinhos, se o prédio estava geminado a outro ou se pertencia a um conjunto, também foram registradas.

O levantamento a campo levou ao registro de 252 prédios com revestimento em cimento penteado.

4.1.4 Algumas considerações preliminares sobre os dados levantados

Realizando o cruzamento dos dados levantados nas três fontes de informação puderam ser observados alguns fatos interessantes:

- dos 90 projetos encontrados no Arquivo Público da Secretaria de Urbanismo atualmente 7 encontram-se pintados e 2 foram demolidos;
- dos 53 prédios constantes no Inventário do Patrimônio Cultural de Pelotas de 1986, 25 foram localizados no levantamento a campo e estavam intactos, 24 prédios estavam pintados e apenas 4 prédios haviam sido demolidos ou irreconhecivelmente descaracterizados;
- dos 150 prédios presentes no Inventário do Patrimônio Cultural de Pelotas de 2001, todos foram encontrados a campo no mesmo estado constante das fichas cadastrais;
- dos 252 prédios levantados a campo um total de 88 prédios, mesmo estando dentro das ZPPCs, não foram inventariados;
- durante o levantamento feito a campo, foi encontrado um número significativo de conjuntos arquitetônicos em que somente uma casa apresenta este revestimento. As restantes encontram-se pintadas, descaracterizadas ou foram demolidas, não sendo possível se afirmar se o revestimento foi aplicado a

apenas uma das casas após sua construção, ou se os demais imóveis é que foram pintados;

- aparentemente o problema da pintura das fachadas com cimento penteado é mais comum que a demolição dos prédios.

De forma a compreender melhor o padrão de ocorrência espacial das construções com fachadas em cimento penteado foi feito a espacialização dos 252 casos identificados nos três levantamentos:

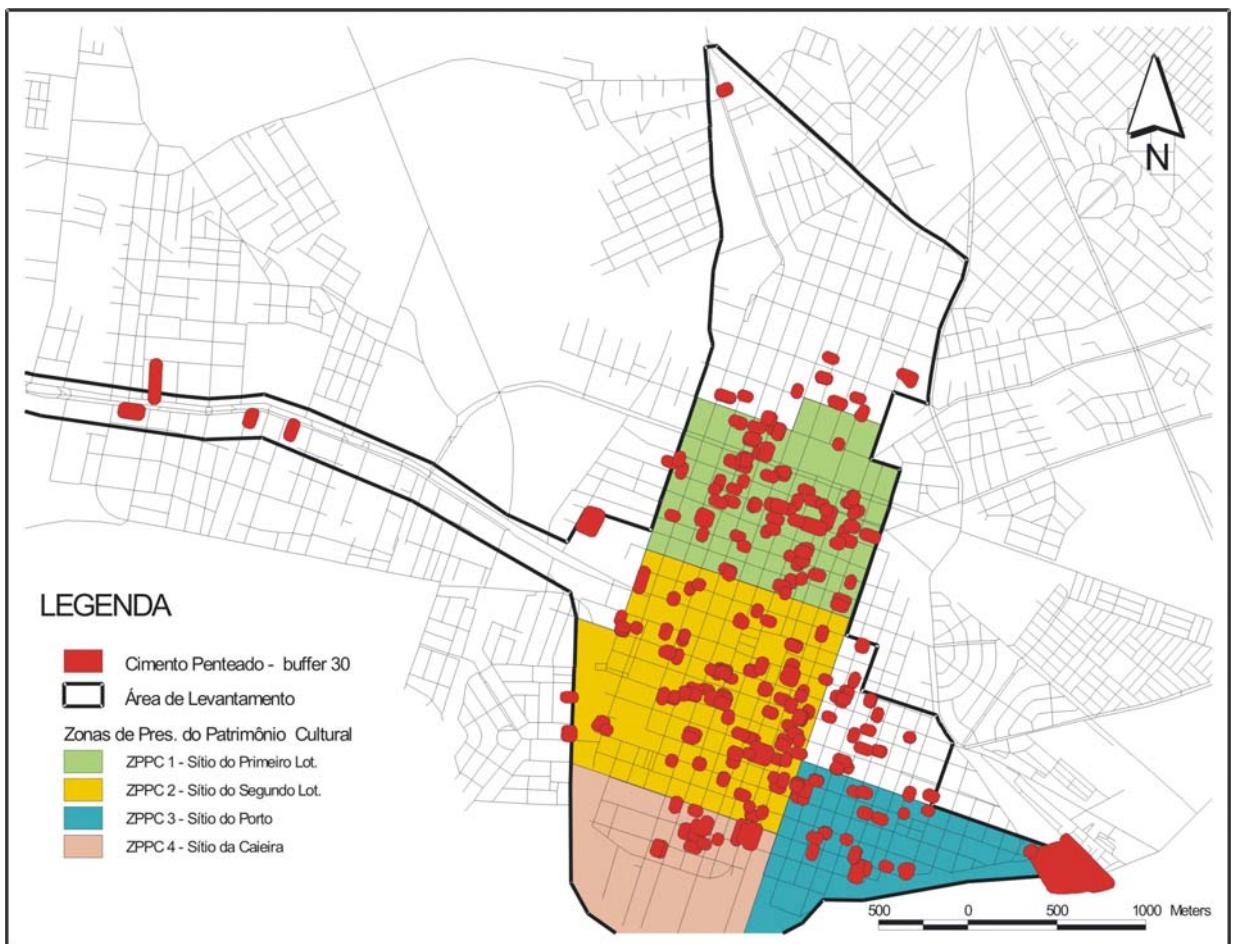


Figura 13 – Mapa dos prédios identificados pelo levantamento a campo.

4.2 Elaboração do banco de dados para os prédios encontrados

Os dados levantados foram organizados inicialmente em três bancos de dados distintos, um para cada fonte de levantamento. Estes dados foram mantidos separados por dois motivos: primeiro pela natureza distinta das informações que puderam ser coletados nas diferentes fontes e segundo para poder garantir os cruzamentos de dados entre as fontes.

Do levantamento no Arquivo Público Municipal foram anotados os seguintes dados: endereço, data da construção, nome do projetista, nome do proprietário, e tipo de solicitação. Do Inventário do Patrimônio Cultural de Pelotas foram anotados endereço, características da fachada e características da implantação no lote. No levantamento a campo foi observado: as características do cimento penteado, presença de elementos decorativos e suas características, endereço, estado em que se encontra o revestimento, tipo de implantação no lote, construtor quando existe placa identificando na fachada, data da construção ou reforma de fachada quando presente na fachada.

A partir dos três bancos de dados iniciais foi montado um banco de dados geral, com todas as informações conseguidas. Estas foram organizadas num banco de dados em software apropriado para esta finalidade e compatível com programas de geoprocessamento, garantindo assim a espacialização destes dados.

A organização do banco de dados se deu em tópicos gerais e seus subitens conforme descrito no diagrama a seguir:

Dados de identificação do prédio	endereço
	tipo de proteção existente
	fonte de levantamento
	depósito dos prédios pintados ou demolidos
	presença de projeto no arquivo
	data da construção ou reforma
	nº da planta do arquivo municipal
	proprietário
	construtor
	tipo de intervenção
	pertencimento a um conjunto
Atributos do cimento penteado	prédio pintado
	prédio demolido
	cor do revestimento
	presença de mineral com brilho
	estado atual do cimento penteado
Atributos de fachada	estado atual da fachada
	classificação dos prédios
	presença de tijoletas
	presença de ladrilhos
	aplicações de massa
	placas imitando tijolo
	reboco pintado

Tabela 1 - Estrutura de organização do banco de dados em tópicos e subitens.

O banco de dados foi associado a uma base espacial dentro de um ambiente de SIG (sistema de informações geográficas) de forma a possibilitar uma avaliação da existência ou não de padrões espaciais de ocorrências dos diferentes atributos dos prédios de cimento penteado.

4.3 Análise de dados e caracterização dos prédios de cimento penteado

A análise de dados foi feita com base no banco de dados geral e numa avaliação das possíveis correlações entre as características dos prédios levantados e sua localização dentro da malha urbana. As análises foram feitas de forma a buscar respostas para as questões de pesquisa levantadas anteriormente.

4.3.1 Caracterização da arquitetura de cimento penteado

A primeira análise realizada foi referente às próprias características do cimento penteado: sua coloração e a presença ou ausência de mineral com brilho.

No item referente à cor do cimento penteado constatou-se que em Pelotas as cores utilizadas foram diferentes tonalidades de cinza, areia, vermelhos e verdes. As tonalidades de cinza são variadas indo de tonalidades mais claras as mais escuras. Constatou-se que a cor principal predominante das fachadas foi o cinza em seus vários tons. No entanto, uma observação mais cuidadosa de alguns exemplares revelou que muitos dos prédios inicialmente classificados como tendo cor cinza podem na verdade ter coloração areia ou bege, dependendo da incidência de luz. Também foi verificado que a definição da tonalidade de cinza era bastante difícil e por isso optou-se por deixar somente uma classificação de cinza. Fatores externos como fungos, mofo, umidade, alteram a tonalidade e até o matiz observado, não permitindo uma avaliação mais profunda da questão cor. A exposição da luz do sol também altera um pouco sua coloração e por isso uma reavaliação da classificação cromática através das fotografias não foi possível. Cabe ressaltar que a cor areia é muito comum em outras cidades do Rio Grande do Sul e da própria região Platina, sendo aconselhável uma classificação mais rigorosa quanto à cor para verificar se o cimento penteado em Pelotas realmente tem um predomínio efetivo das tonalidades cinza².

² A arquiteta Natália Naumova em depoimento afirmou que para os casos por ela estudados em Pelotas a cor mais encontrada foram as tonalidades de bege.

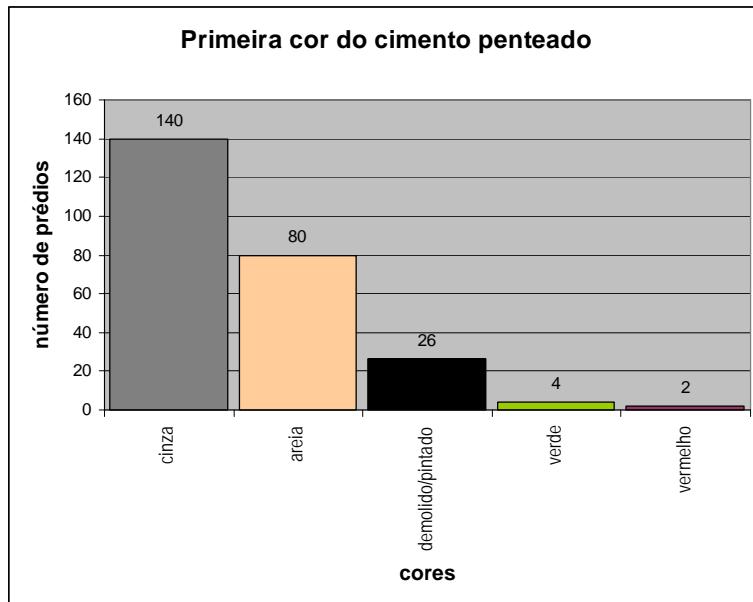


Figura 14 – Gráfico com as cores dominantes do cimento penteado conforme registrado no levantamento a campo.

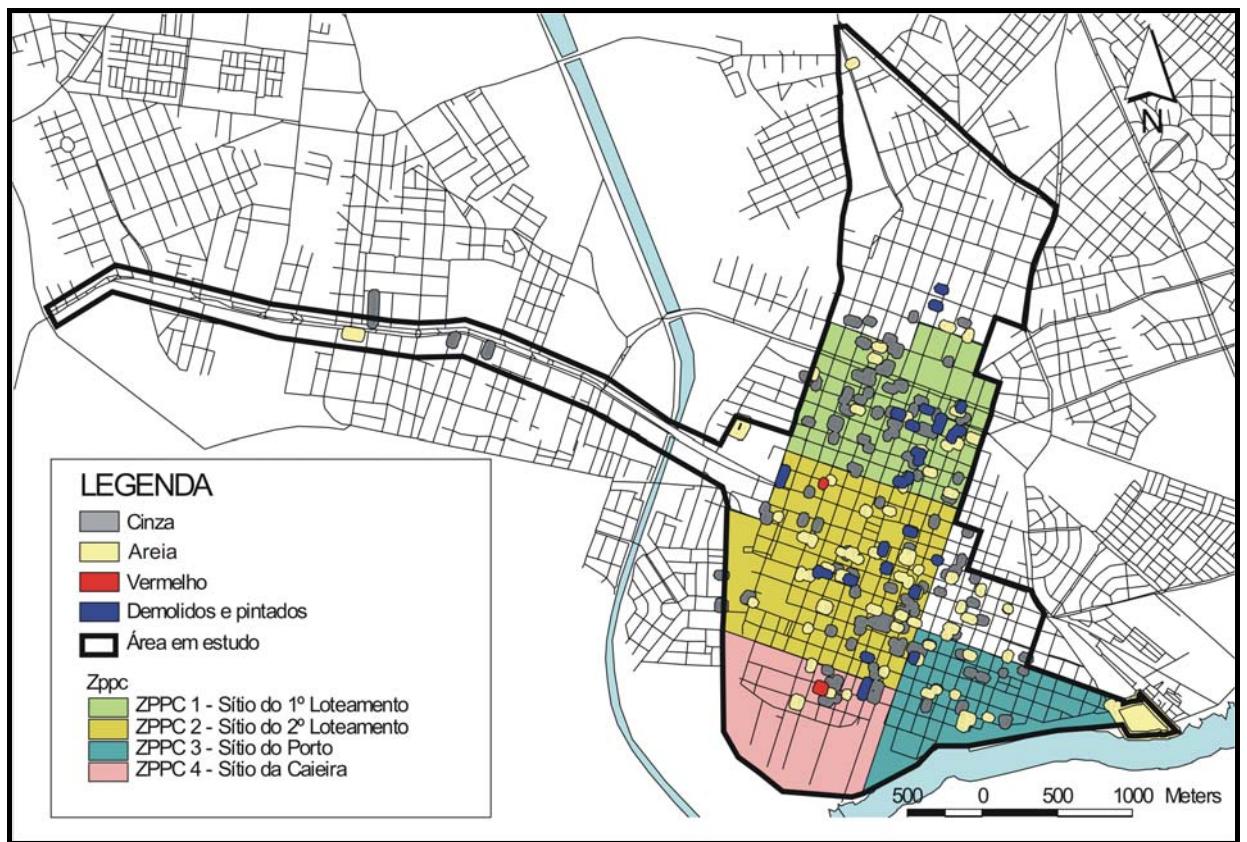


Figura 15 – Mapeamento das cores dominantes do cimento penteado conforme registrado no levantamento a campo.

Pode ser observado pelo mapeamento da cor principal do cimento penteado que a área mais central da cidade é menos cinza que as áreas norte e do Porto.

Em relação à cor secundária, foram encontrados detalhes em cimento penteado nas tonalidades avermelhadas, branco, areia, cinza, verde e azul. Em alguns casos haviam dois tons da cor dominante. Na maioria dos casos analisados, estas cores encontravam-se situadas em reentrâncias das platibandas, peitoris e vergas das esquadrias e em ranhuras junto à porta de acesso. Para outros casos a segunda cor estava associada aos elementos salientes de marcação horizontal e vertical. Estes detalhes aparecem geralmente em pequenas quantidades, mas mesmo assim ajudam a tornar mais cromática a fachada. A análise da segunda cor foi prejudicada pela grande quantidade de casos onde estes elementos, aos quais a segunda cor está associada, encontrarem-se pintados. Para os detalhes de fachada os tons de vermelho aparecem como dominantes.

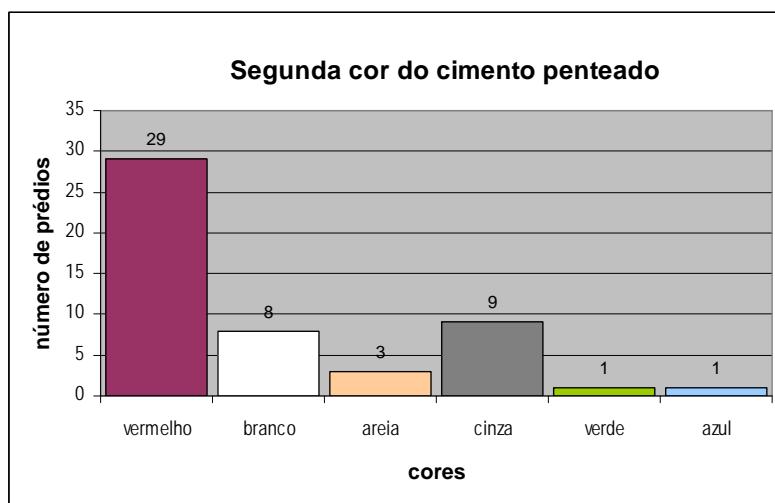


Figura 16 – Gráfico com as cores secundárias do cimento penteado conforme observado no levantamento a campo.

Quanto à presença de minerais com brilho no cimento penteado, a predominância encontrada foi para o uso de mineral com brilho num total de 63% dos casos, não sendo identificado o tipo de pedra, mas somente a análise superficial na fachada com a presença da luz do sol. Pôde ser observado, no entanto, que estes minerais possuíam granulometrias distintas e formas também distintas. Alguns rebocos possuíam o mineral com forma mais laminar e outros com forma mais arredondada.

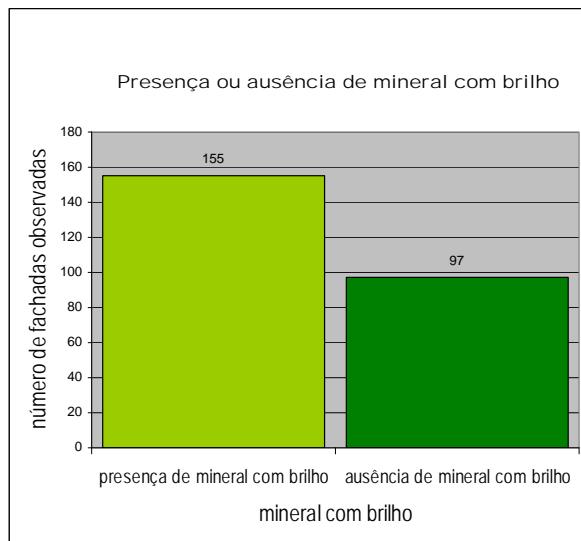


Figura 17 – Gráfico da presença ou ausência de mineral com brilho no cimento penteado.

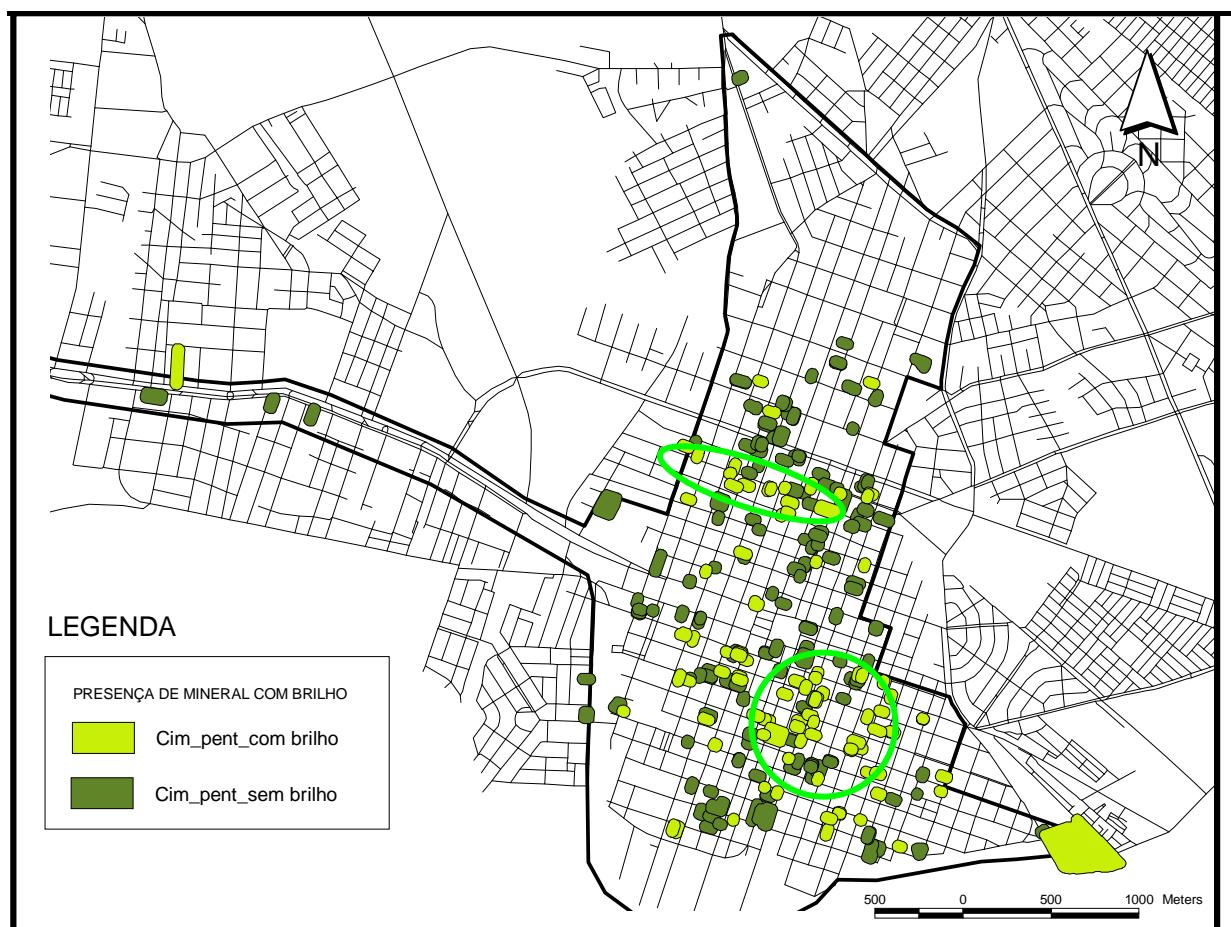


Figura 18 – Mapeamento da presença ou ausência de mineral com brilho no cimento penteado.

A avaliação da espacialização da presença ou ausência de mineral com brilho no cimento penteado mostrou um padrão espacial de fraco a moderado.

Apenas pôde ser observada uma leve predominância de cimento penteado com a presença de mineral com brilho nas duas áreas circundadas em verde claro no mapa.

Para verificar outros tipos de correlações possíveis entre as características do cimento penteado, alguns de seus atributos foram cruzados. Foi verificada a possível correlação entre a cor principal do cimento penteado e a data da construção ou revestimento da fachada. Para este dado foi observado que sempre existe uma maior incidência de prédios em cimento penteado na cor cinza. Outro dado importante neste gráfico foi quanto ao surgimento da cor areia que começou a estar presente nas fachadas de cimento penteado entre os anos 1916-1920, embora seja muito pequena a quantidade de prédios com a cor areia aos quais se conhece a data de construção. A falta de dados não permite uma análise conclusiva.

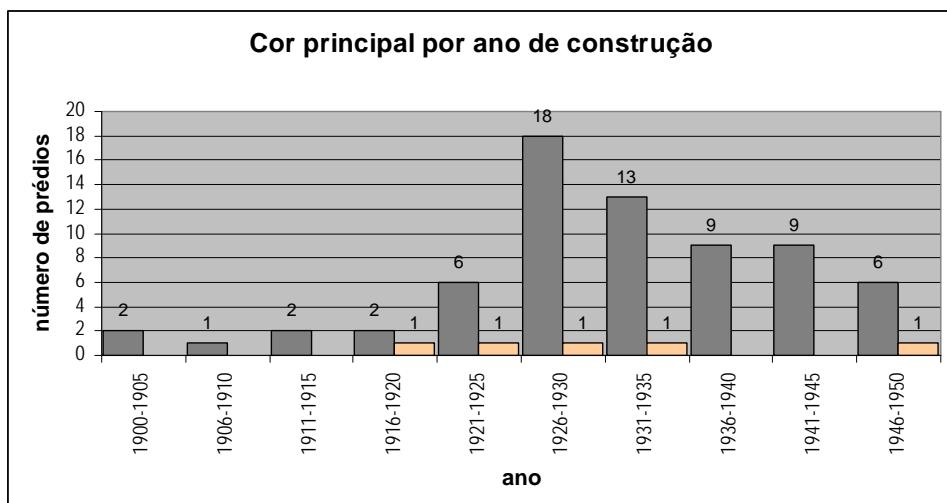


Figura 19 – Gráfico da correlação entre a data da construção e a cor principal do cimento penteado.

Também foi verificada se a presença ou ausência de mineral com brilho tinha correlação com a data da construção. Nesta correlação para todo o período estudado o cimento penteado apresentava maior incidência com a presença de mineral com brilho. É importante salientar que a presença de exemplares sem mica só começa a aparecer a partir de 1915.

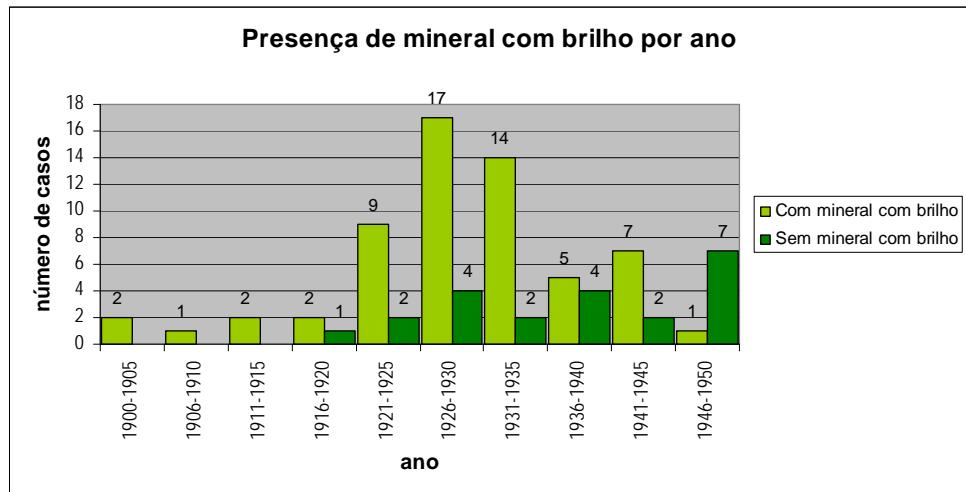


Figura 20 – Gráfico da correlação entre a data da construção e a presença ou ausência de mineral com brilho no cimento penteado.

Por fim foi verificada se existia alguma correlação entre a cor principal do cimento penteado e a presença ou ausência de mineral com brilho. Este gráfico mostra que a cor cinza está mais relacionada com a presença do mineral com brilho, enquanto que para a cor areia a dominância é da ausência deste mineral.

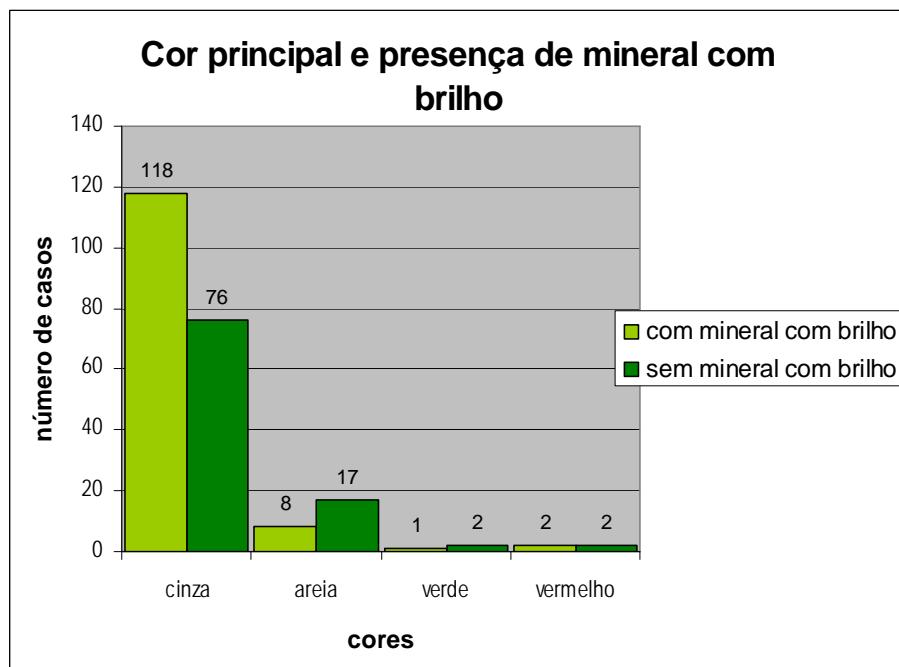


Figura 21 – Gráfico da correlação entre a cor principal e a presença ou ausência de mineral com brilho no cimento penteado.

Outros elementos de decoração, não revestidos de cimento penteado, também foram encontrados nas fachadas. Entre estes cabe destacar a presença de tijoletas e ladrilhos, notadamente as sextavadas. Estes elementos, embora não apareçam na maioria das fachadas – apenas 5,15% do total – fazem parte do sistema compositivo de um dos tipos de edificações encontrados com cimento penteado.

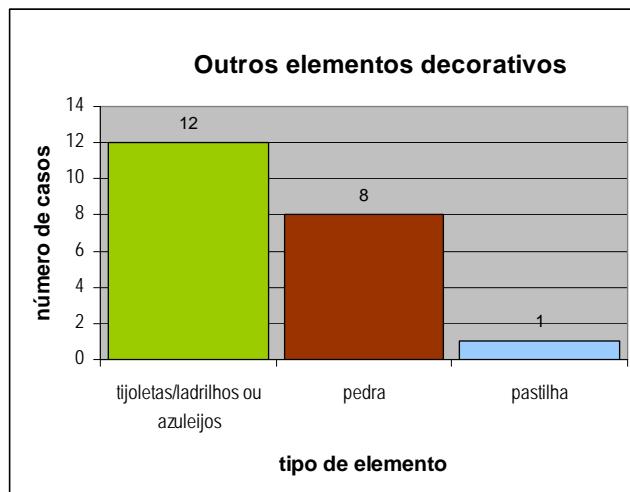


Figura 22 – Gráfico da presença de elementos decorativos aplicados na fachada.



Rua Saldanha Marinho, 123



Rua Santa Cruz, 1311

Figura 23 – Exemplares típicos de arquitetura com cimento penteado e presença de elementos decorativos aplicados na fachada. 2005. Fotos da autora.

A segunda análise foi feita com relação ao tipo de implantação no lote e ao tipo de edificação onde foi aplicado o cimento penteado. Para o item referente à implantação no lote, foi observado que dos 252 prédios analisados, apenas 5,9% possuem recuo de ajardinamento. No item tipo funcional da edificação pode ser observado que o tipo preponderante é o residencial unifamiliar com 79,38%.

Aparecem ainda em número menos significativos usos comerciais 5,95%, industriais 1,98%, institucionais 2,77% e residenciais multifamiliares 9,92%.

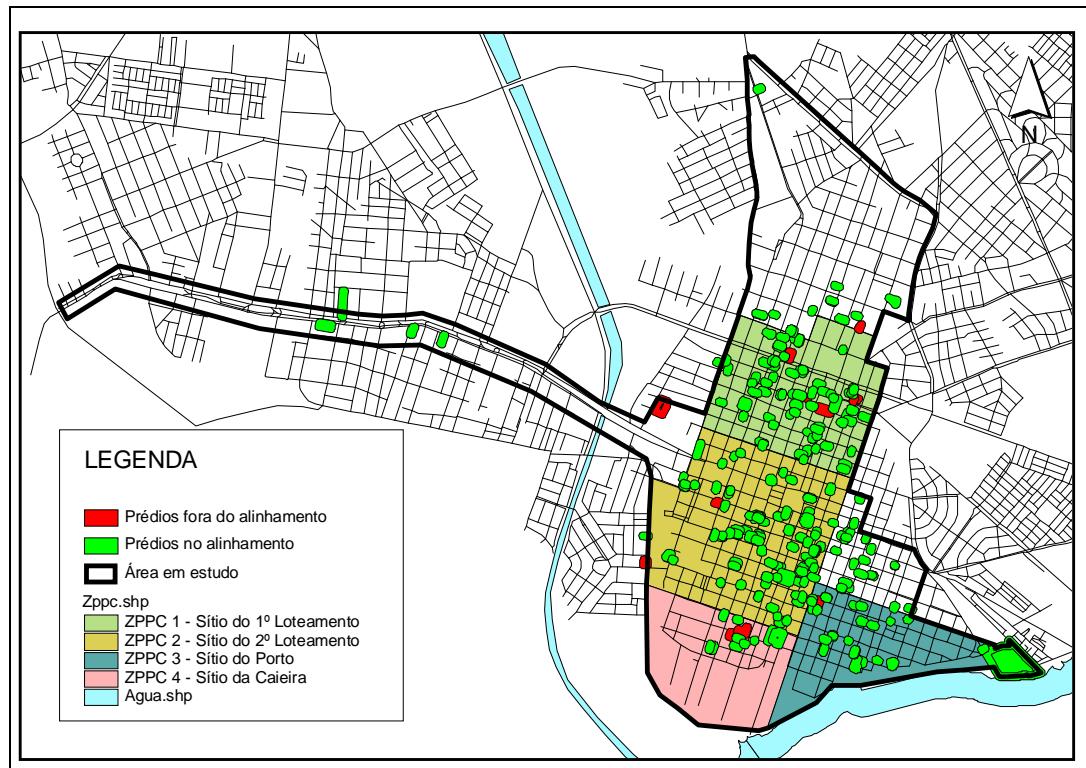


Figura 24 – Mapa com a classificação por tipo de implantação das construções em cimento penteado.

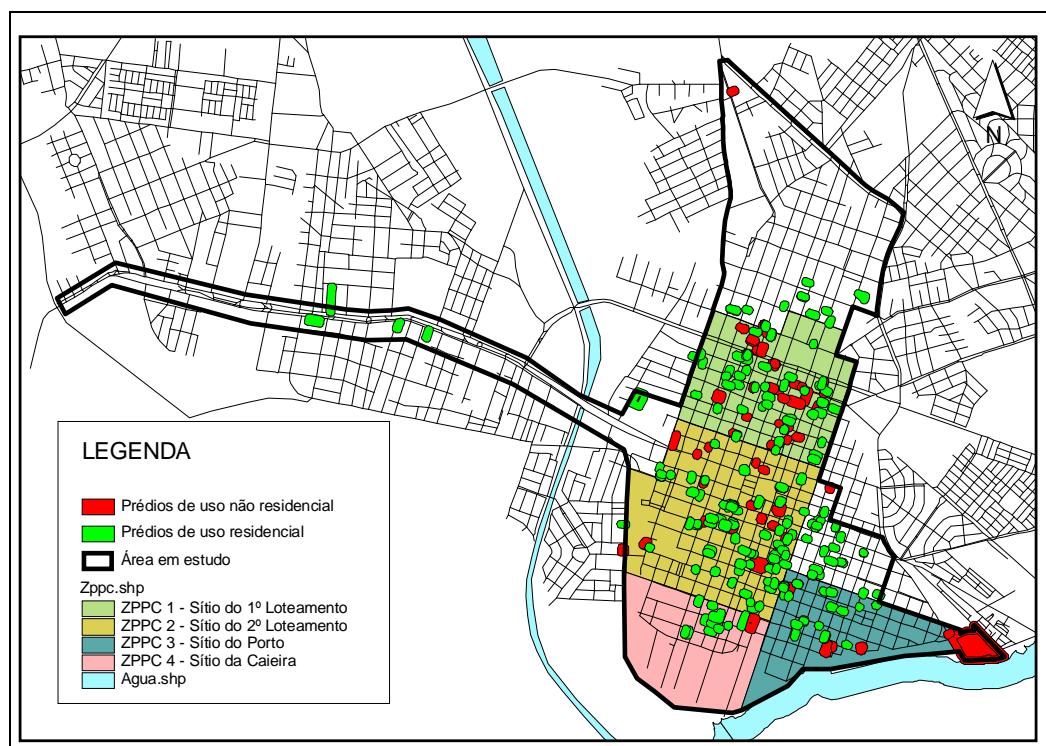


Figura 25 – Mapa com a classificação por tipo funcional de edificação em cimento penteado.

Para tentar definir categorias gerais de edificações em que foi constatado o uso do cimento penteado como revestimento, as fotografias de todos os prédios levantados foram analisadas. Foram observados quais atributos dos prédios apresentavam uma maior variabilidade de soluções e, portanto, poderiam ser potencialmente responsáveis pelas variações percebidas na solução arquitetônica dos prédios. A análise das fotografias levou a seleção dos seguintes atributos: tipo e intensidade de ornamentos na fachada, forma e proporção das esquadrias, número de pavimentos e forma de implantação no lote.

Como base nestes quatro atributos foi gerada uma matriz de cruzamentos entre eles. Esta matriz define 12 categorias gerais, cada uma com 6 subcategorias. Todos os prédios foram classificados dentro desta matriz. O resultado pode ser observado na figura 26 a seguir, e com mais detalhe nos anexos deste trabalho.

Analizando o resultado deste cruzamento pode ser observado que quanto ao tipo de ornamentação de fachada associada ao uso do cimento penteado predomina uma ornamentação geometrizada e bastante acentuada na fachada pelo relevo utilizado e/ou pela quantidade da ornamentação. Estes ornamentos estão associados ao que SCHLEE (1994) chama de terceiro período eclético. Os ornamentos geométricos puros, mais relacionados com a arquitetura Art Déco, aparecem em segundo lugar. Já os ornamentos restritos a frisos lineares horizontais ou verticais, relacionados com a arquitetura modernista, aparecem em terceiro lugar. As construções com ornamentos orgânicos representando figuras humanas e principalmente folhas e flores são uma minoria e provavelmente estão associadas a uma renovação de fachadas mais antigas ou então a persistência de um gosto pelo ecletismo.

Para todos os tipos de ornamentação as janelas com a proporção vertical dominante aparecem em maior número. Porém, para os ornamentos geométricos puros e lineares, as janelas quadráticas aparecem quase que em igual número. Categorias onde já aparecem também as janelas horizontais, mas em número bem mais restrito de exemplares. O número de prédios encontrado com esquadrias horizontais foi pouco expressivo, aparecendo principalmente associado com os ornamentos mais simples e com prédios de 2 ou mais pavimentos.

Aberturas horiz	Aberturas quadriláteras	Aberturas verticais	Reduco	Alinhamento																

categoria onde as construções estão situadas no alinhamento predial, com apenas 1 pavimento, ornamentação geométrica acentuada e aberturas verticais. Foi também observado nesta categoria um número significativo de conjuntos, estipulados por 2 prédios ou mais de 1 e 2 pavimentos. Em segundo lugar aparecem em muito menor número as construções que estão situadas no alinhamento predial com apenas 1 pavimento, ornamentação geométrica pura e aberturas verticais ou quadráticas.

Ao identificarmos os prédios que não estão inventariados no Inventário do Patrimônio Cultural de Pelotas, observou-se que estão presentes em todas as categorias, mas distribuídos de forma desigual. Aparece apenas um caso nas categorias definidas como tendo uma ornamentação do tipo orgânico figurativo. Por outro lado a categoria definida por ornamentações geométricas simples e janelas quadráticas apresenta o maior número de imóveis desconsiderados pelo Inventário.



Figura 27 – Mapas das categorias gerais das edificações com revestimento de cimento penteado.

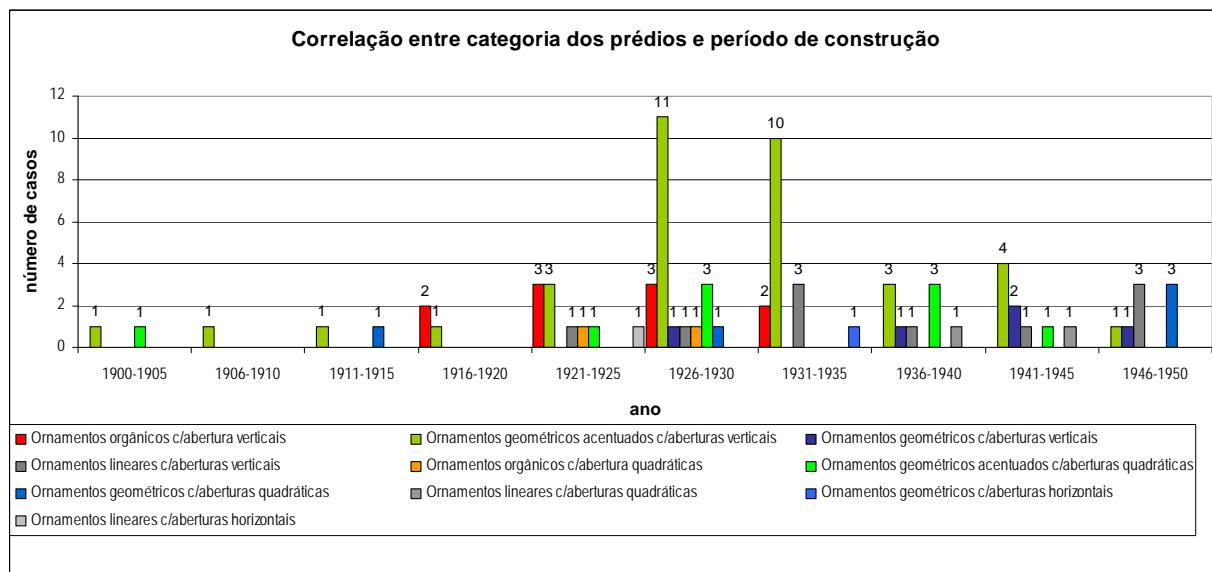


Figura 28 – Gráfico das categorias gerais das edificações com revestimento de cimento penteado e sua relação com as datas das construções.

Observando o gráfico das correlações entre as categorias gerais das edificações com cimento penteado e as datas de aprovação de projeto podemos observar que:

a) as categorias em que aparecem os ornamentos orgânicos na fachada e janelas verticais ou quadráticas é mais encontrada no período de 1915 a 1930. Possivelmente é uma arquitetura que está associada ao revestimento da fachada por questões de gosto da moda ou necessidade de uma manutenção, com isto era usado um recobrimento para sua preservação. Nesta categoria também aparecem prédios importantes. Como o conjunto da Praça Cel. Pedro Osório, 62-64 (Pompas Fúnebres) e o Teatro Guarany. Sua concentração se faz maior no 2º loteamento e alguns poucos prédios no 1º loteamento;

b) a categoria em que predominam os ornamentos geométricos mais acentuados se faz presente em todas as décadas levantadas para estudo neste trabalho, e acontece com maior intensidade no período de 1920–1930. Os conjuntos de 2 ou mais casas aparecem nesta categoria, assim como os sobrados. Está presente no 1º e 2º loteamentos;

c) a categoria em que predominam os ornamentos geométricos puros está presente a partir de 1925. Esta categoria aparece em menor quantidade. Está

associada a lotes que tendem a se localizar mais afastados da zona central e começam a surgir em maior quantidade que as outras no sítio do porto e arredores;

d) a categoria em que predominam os ornamentos lineares passa a aparecer nos período de 1920 a 1950. Possui um crescimento acentuado no período de 1930 e 1945. Começam a surgir os prédios com mais de 2 pavimentos e sua concentração maior está no 2º loteamento.

4.3.2 Construtores e proprietários

A análise referente aos proprietários e construtores de imóveis com cimento penteado foi feita através de levantamento dos nomes legíveis encontrados nas plantas do Arquivo Público Municipal. Das 90 plantas analisadas foi possível identificar 67 proprietários e 22 construtores.

Entre os proprietários a família do Sr. Rodolpho Bonat era a que mais possuía casas com revestimento em cimento penteado. Seu filho, Sr. Ildemar Capdeboscq Bonat, relata que as casas eram construídas pelo seu pai para a família e para alugar. Ao total são oito casas com este revestimento, com destaque para dois conjuntos, um localizado na Avenida Bento Gonçalves, nº. 3959, 3965, 3969, 3973 e outro na rua Dr. Amarante nº. 602, 606, 608. Todas se encontram integralmente preservadas, mesmo as que hoje são ocupadas por atividades comerciais. Conforme depoimento do Ildemar Bonat (entrevista em 04/06) o motivo que levava seu pai a construir imóveis em cimento penteado era porque os achava bonitos.

O uso do cimento penteado também foi adotado pelos empresários do início do século XX. A cidade de Pelotas possui na zona portuária um número considerável de prédios que foram construídos com este revestimento. Como exemplos da arquitetura industrial com cimento penteado temos os prédios do antigo Frigorífico Anglo, o prédio da Cotada com seus galpões, o laboratório Leivas Leite com uso laboratorial até os dias de hoje em funcionamento, e ainda temos a Vila Operária da Fábrica de Chapéus Rheingantz.



Rua Gomes Carneiro, 1



Rua Benjamin Constant, 987



Rua Benjamin Constant, 1637
10/11/04



Rua Voluntários da Pátria, 1993

Figura 29 – Exemplos de arquitetura industrial com o uso de cimento penteado. Fotos da autora, 2006.

No decorrer deste trabalho, pude observar a pintura de dois prédios de cimento penteado na zona portuária, um deles está retratado na figura 30 abaixo.



Rua Benjamin Constant, 728
2004



Figura 30 – Exemplo de prédio pintado, na Rua Benjamin Constant nº728. Fotos arquivo Secult e autora 2006.

Parece que a arquitetura de cimento penteado não era apenas relacionada com uma arquitetura “menor”, mais popular, ou com a arquitetura preocupada com a durabilidade e a baixa manutenção como é o caso das casas de aluguel e a arquitetura institucional e industrial; parece que o cimento penteado fez parte do gosto de um período. Exemplos da adoção do cimento penteado em obras residenciais de maior vulto podem ser vistas abaixo.



Figura 31 – Exemplos de residências com uso de cimento penteado. Em ordem: rua Gonçalves Chaves 911, rua Lobo da Costa 866, rua Gonçalves Chaves 964 e Praça Cel. Pedro Osório 55 (originalmente residência do Gen. Osório) Fotos do arquivo da Secult, 1986 e da autora, 2006.

O cimento penteado também está presente em grandes prédios de nossa arquitetura. Obras importantes como o Teatro Guarany e a Catedral São Francisco de Paula utilizam este revestimento.



Figura 32 – Exemplos de arquitetura em grandes prédios públicos. Teatro Guarany e Catedral São Francisco de Paula. Fotos da autora, 2006.

Os construtores foram identificados através do registro nos projetos aprovados ou placas na fachada. Foram encontrados dois prédios com placas colocadas no soco da fachada identificando o construtor. Exemplo no prédio da Rua Gen. Osório:



Figura 33 – Placa de construtor fixado na fachada, rua Gen. Osório, 461. Construtor Manoel da Silva André. Foto da autora, 2006.

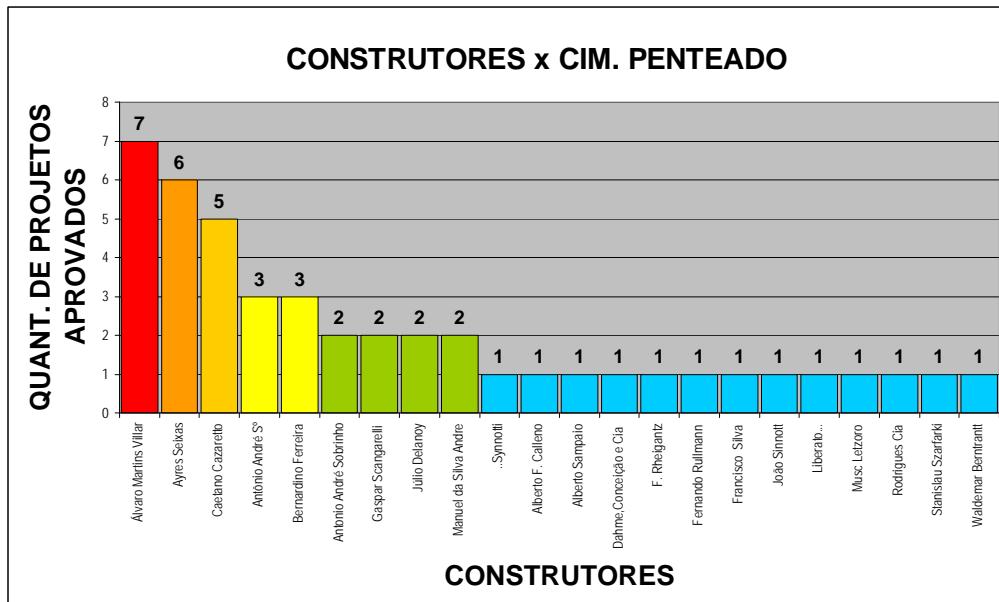


Figura 34 – Gráfico com a relação dos construtores identificados e respectivo número de projetos com revestimento de cimento penteado.

Merece destaque o fato de que construtores de renome local também tenham adotado o cimento penteado em suas obras; puderam ser identificadas obras do arquiteto italiano Caetano Casareto.



Figura 35 - Rua Voluntários da Pátria, 612-627 e rua Gonçalves Chaves 911 – obras do arquiteto Caetano Casareto. Foto arquivo da Secult, 2003 e da autora, 2006.

4.3.3 O cimento penteado e a paisagem urbana

O universo de prédios revestidos de cimento penteado analisados neste trabalho mostra uma grande incidência da cor areia, o que retifica a idéia de que a

paisagem urbana se tornou cinza, conforme vem descrito em alguns trabalhos. A arquitetura formada por estes prédios tende a ser uma arquitetura de tipologia simples, sem tendências monumentais, com marcantes linhas geométricas e esquadrias verticais; não gerando uma ruptura acentuada com as construções tradicionais.

A arquitetura formada por estes prédios não está associada a implantações inovadoras no lote, tendem a seguir a tradição da localização sobre o alinhamento predial. As áreas de maior preponderância no uso do cimento penteado são aquelas situadas na zona central.

Desta forma é possível dizer que o uso do cimento penteado não está associado em mudanças significativas da paisagem urbana, a não ser no seu aspecto cromático.

4.3.4 Avaliação dos aspectos urbanos que podem influenciar na preservação

Na análise do tipo de proteção atualmente existente para os prédios revestidos com cimento penteado foi observado que 35,31% encontram-se sem proteção, significando que podem ser demolidos ou seus revestimentos descaracterizados. Destes, 30,95% encontram-se dentro das ZPPCs.

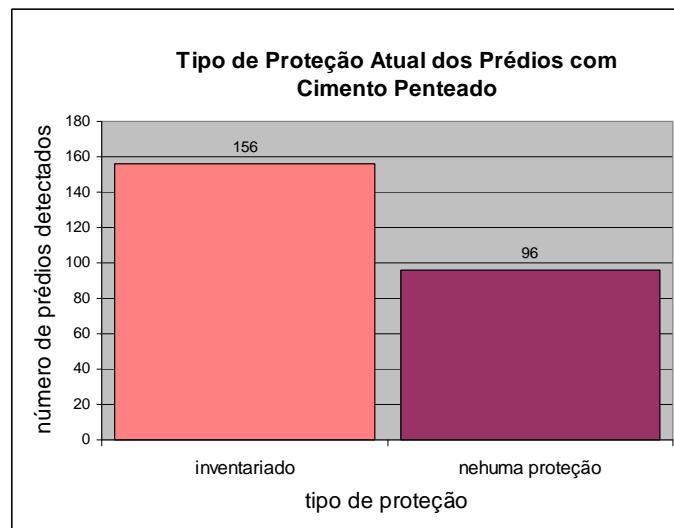


Figura 36 – Gráfico do tipo de proteção atualmente existente para os prédios de cimento penteado em Pelotas.



Figura 37 – Mapa do tipo de proteção atualmente existente para os prédios de cimento penteado.

Procurando entender quais os principais problemas a serem enfrentados para a proteção dos prédios revestidos com cimento penteado foram feitas algumas análises. A primeira refere-se a que tipo de situação urbana potencialmente está relacionada com a descaracterização ou extinção dos prédios com cimento penteado. Para isso foi feita uma verificação de onde estão localizados os prédios que foram pintados e os que foram demolidos.

Endereço	nº prédios cim pent	nº prédios pintados	nº prédios demolidos
Rua Andrade Neves	16	2	2
Pça. Cel. Pedro Osório	3	1	1
Rua Gen. Osório	11	-	1
Rua Gonçalves Chaves	9	-	1
Rua Almirante Barroso	5	-	1
Rua Quinze de Novembro	12	2	-
Rua Anchieta	11	2	-
Av. Bento Gonçalves	9	2	-
Rua Benjamin Constant	8	1	-
Rua Felix da Cunha	8	1	-
Rua Gen. Telles	7	1	-
Rua D. Pedro II	4	1	-
Rua Voluntários da Pátria	4	1	-
Rua Dr. Miguel Barcellos	1	1	-
Pça. Vinte de Setembro	1	1	-

Tabela 2 – Localização dos prédios pintados ou demolidos por rua.

Pode ser observado, conforme a tabela 2 acima que a Rua Andrade Neves foi a que mais descaracterizou prédios com cimento penteado. Os 2 prédios pintados foram para instalação de comércio. O que vem a ser confirmado pela localização no mapa abaixo.

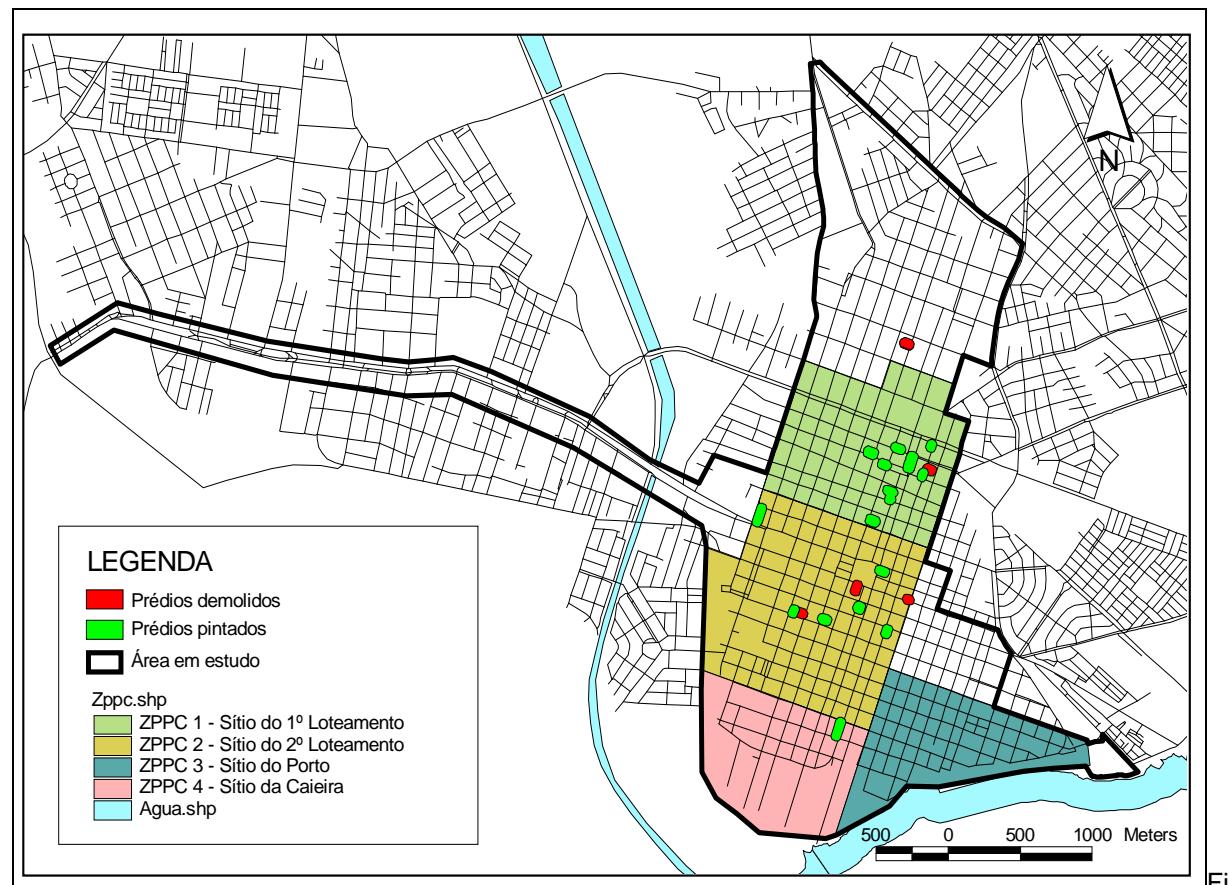


Figura 38 – Localização espacial dos prédios pintados ou demolidos.

A segunda análise refere-se ao tipo de uso abrigado pelos prédios que foram pintados. No total foram identificados 16 prédios pintados, destes, 12 prédios atualmente abrigam usos comerciais e apenas 2 com uso residencial. O que vem a confirmar a influência do comércio sobre a descaracterização do revestimento de cimento penteado.

Quanto à localização dos prédios que tiveram suas fachadas ou o revestimento descaracterizado podemos observar que estes encontram-se quase em sua totalidade dentro das ZPPCs. O que pode demonstrar uma certa incapacidade da legislação de preservação em frear as pressões sobre a descaracterização do cimento penteado.

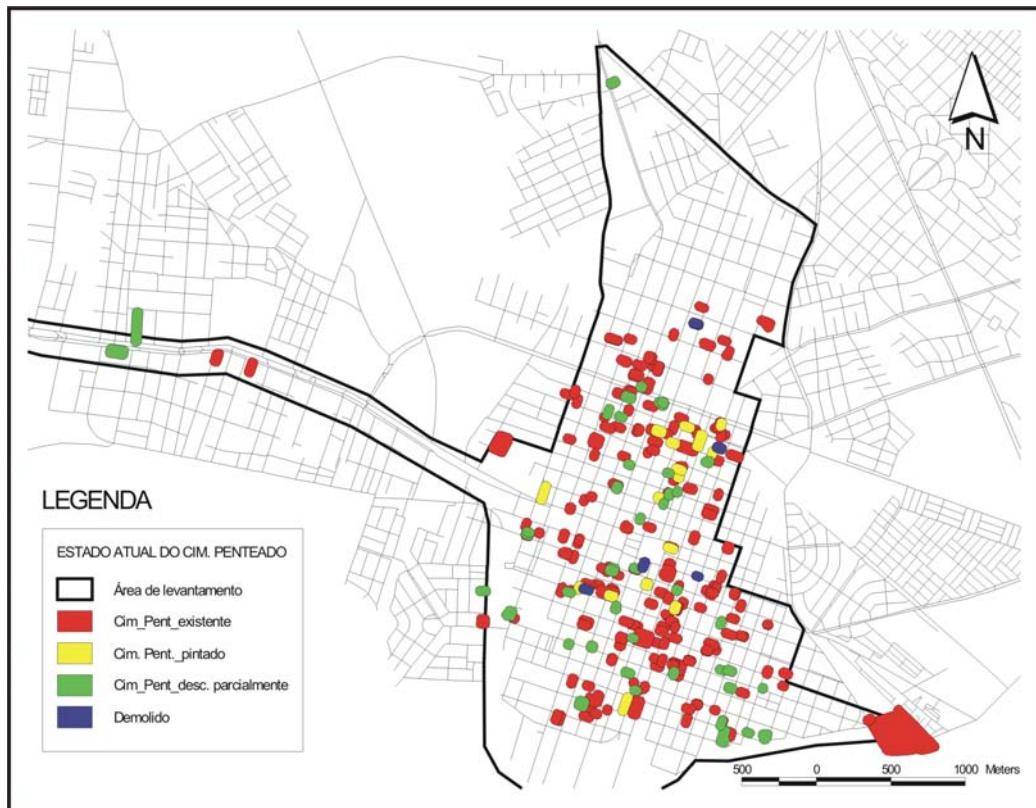


Figura 39 – Localização espacial dos prédios por estado de conservação do cimento penteado.

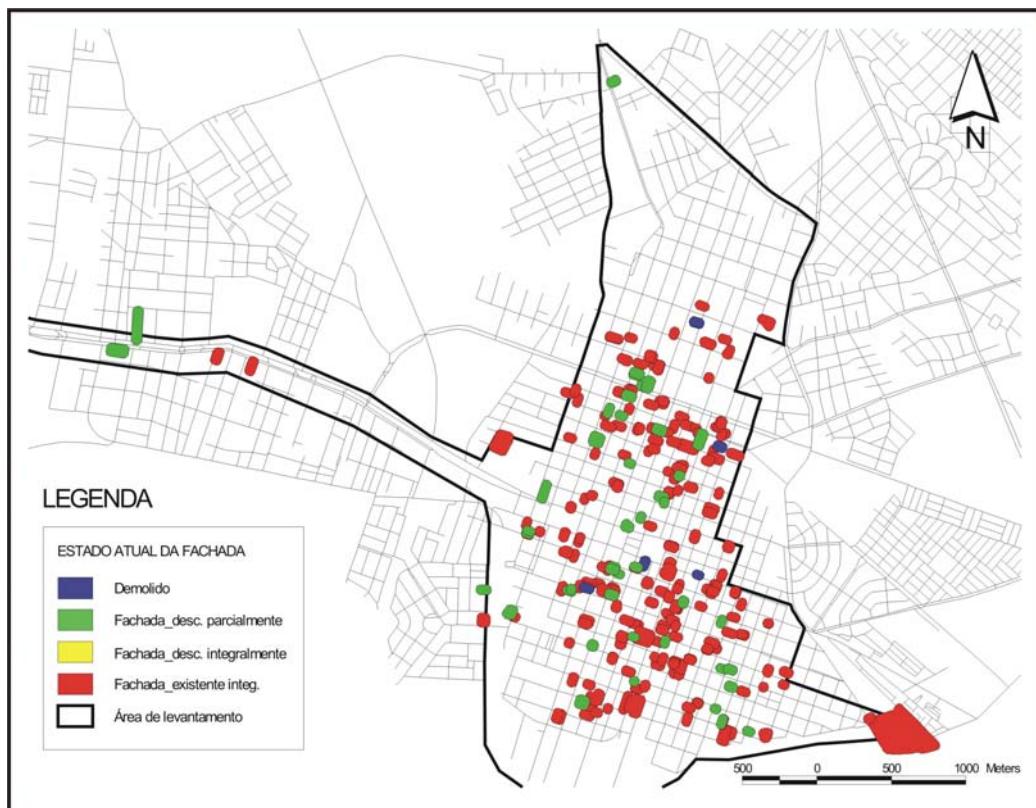


Figura 40 – Localização espacial dos prédios por estado de conservação da fachada.

Por fim, foi feita uma análise do nível de potencial pressão imobiliária que está sendo exercida sobre os prédios com cimento penteado. Para isso foi avaliada sua localização por rua:

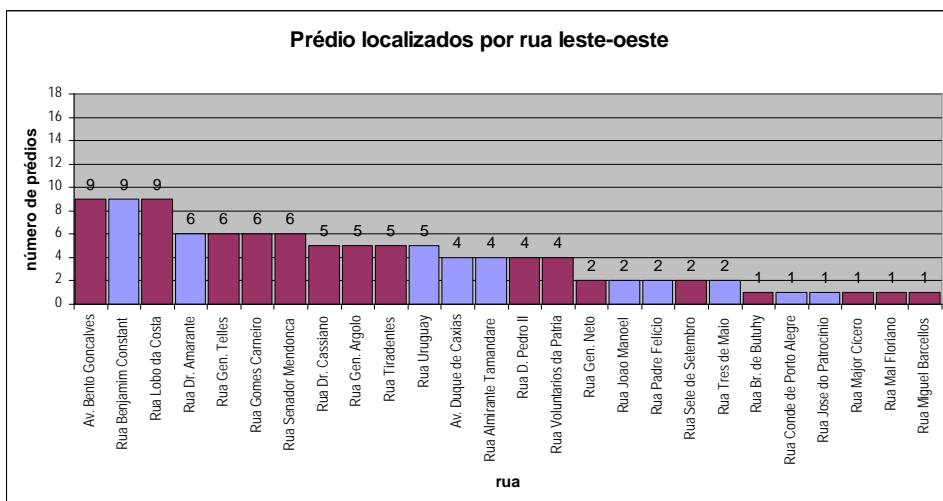
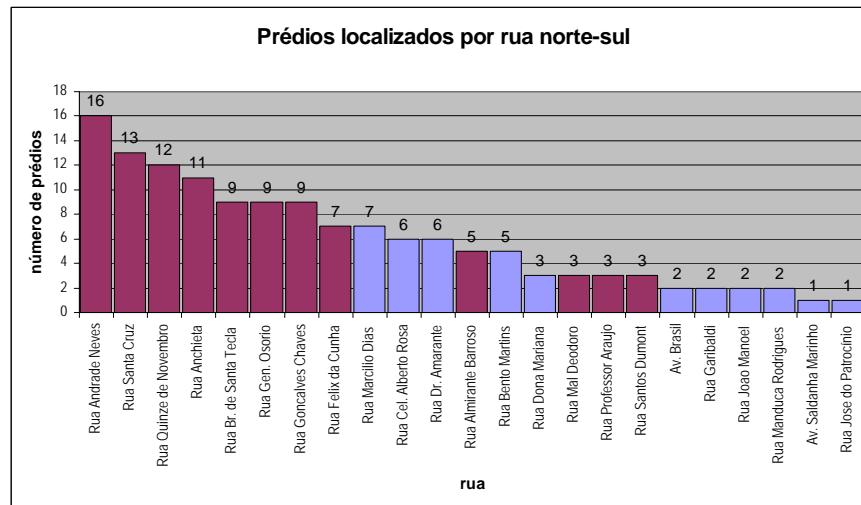


Figura 41 – Gráficos com o número de prédios localizados sobre as ruas no sentido norte-sul e leste-oeste. Ruas mais centrais indicadas na cor vinho e menos centrais na cor lilás.

Pode ser observado que independente da orientação das ruas, os prédios com revestimento de cimento penteado encontram-se localizados em maior número nas ruas mais centrais. Também nestas ruas estão localizados os prédios institucionais e residências multifamiliares. Nas ruas mais centrais norte-sul, em geral mais pressionadas pelas transformações urbanas³, poderão acontecer casos de demolição de fachadas em vista de muitos destes prédios estarem sem manutenção

³ Esta afirmação se baseia em observações empíricas e foi verificada como verdadeira para as construções com cimento penteado onde, para essas ruas, foi encontrado maior número de casos de descaracterizações das fachadas e maior número de descaracterizações do cimento penteado.

e sem interesse dos proprietários em preservá-los, aguardando melhores ofertas do mercado imobiliário para ser transformado em outro empreendimento. Um exemplo, está no prédio da rua Major Cícero que só possui a fachada (figura 42). Estas constatações, embora bastante iniciais, levam a uma grande preocupação quanto à preservação destes prédios.



Figura 42 – Prédio parcialmente demolido, permanecendo apenas a fachada, rua major Cícero, 353.
Foto da autora, 2006.

5. A construção dos argumentos para a preservação da arquitetura de cimento penteado

A relação do homem com os bens culturais e o valor que a estes atribui são o resultado da interação de fatores distintos, mas uma vez reconhecido o valor de um bem cultural quaisquer que venham a ser suas razões para isto, se adquire a responsabilidade de preservá-lo, seja este uma obra de arte ou um conjunto urbano (UNESCO, 1979). Qualquer manifestação estética é um reflexo de um determinado momento histórico vivido por um grupo social (WEIMER, 1987, p. 258).

No caso do revestimento de uma fachada, se retirado, perde-se boa parte da intenção estética do projetista porque quando se perde este aspecto, se perde sua autenticidade e valor. É como repintarmos uma obra de arte. Esta perda pode ser vista nas construções com cimento penteado quando as mesmas recebem recobrimentos ou remoções de seu revestimento original. Valores culturais são perdidos, o que pode significar perder a memória coletiva de uma comunidade, despojando-a de sua consciência histórica e principalmente, de sua própria consciência (ROIG, 1997, p.9).

Em Pelotas existe um número expressivo de construções que mantém este revestimento, assim como a integridade de sua fachada. Estes prédios são merecedores de medidas legais que garantam sua preservação de forma adequada, além de incentivos para sua manutenção.

Tendo em vista a construção de argumentos que possam auxiliar a formulação de instrumentos que garantam a preservação da arquitetura de cimento penteado, vamos procurar identificar: a) que bases os documentos nacionais e internacionais de preservação podem fornecer; b) o que a análise da arquitetura com cimento penteado nos indica como importante e; c) quais as dificuldades detectadas para preservar o cimento penteado.

5.1 Argumentos presentes nos documentos nacionais e internacionais de preservação patrimonial – conceitos e aplicabilidade

Os documentos internacionais sobre conservação e restauração de monumentos e sítios históricos trazem diversos argumentos que justificam tanto a preservação da integridade de uma obra e, portanto, seu material de recobrimento, quanto à preservação de arquiteturas não monumentais.

A Carta de Veneza⁴ em seu artigo 3º diz: “A conservação e a restauração dos monumentos visam a salvaguardar tanto a obra de arte quanto o testemunho histórico”. No seu artigo 1º, define a noção de monumento histórico como: “... a criação arquitetônica isolada, bem como o sítio urbano rural que dá testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Entende-se não só as grandes criações mas também às obras modestas, que tenham adquirido, com o tempo, uma significação cultural.” Já em seu artigo 11º coloca que:

“As contribuições válidas de todas as épocas para a edificação do monumento devem ser respeitadas, visto que a unidade de estilo não é a finalidade a alcançar no curso de uma restauração, a exibição de uma etapa subjacente só se justifica em circunstâncias excepcionais e quando o que se elimina é de pouco interesse e o material que é revelado é de grande valor histórico, arqueológico, ou estético, e seu estado de conservação é considerado satisfatório. O julgamento do valor

⁴ Carta Internacional sobre conservação e restauração de monumentos e sítios. Maio de 1964.

dos elementos em causa e a decisão quanto ao que pode ser eliminado não podem depender somente do autor do projeto”.

Portanto deste ponto de vista os conjuntos de elementos, materiais e sistemas construtivos, ou seja, ornamentos de rebocos, esquadrias, revestimentos, etc. deverão ser respeitados, fato que nos leva a executar determinadas intervenções, e não outras, com o exclusivo fim de salvar e respeitar sua originalidade. O que chamamos de restauração.

Se a restauração tem como objetivo conservar e revelar os valores estéticos e históricos do monumento e fundamenta-se no respeito ao material original e aos documentos autênticos (Carta de Veneza, art. 9º), no caso do revestimento em cimento penteado como fica sua limpeza pois está diretamente ligada a pátina do tempo, se a tiramos estamos assumindo uma modificação estética e em alguns casos física de um material em função da degradação superficial da textura e da oxidação dos pigmentos que dão a coloração. O que nos faz pensar: devemos respeitar a pátina do tempo?

5.2 Argumentação baseada na análise dos dados levantados neste trabalho

Depois da análise do universo de prédios revestidos com cimento penteado no contexto urbano de Pelotas (remanescentes e descaracterizados), compete-nos enfatizar a importância da preservação dos que permanecem porque constituem, sem dúvida, em um testemunho vivo de uma situação histórica, mas que além disto, denotam uma tentativa de manutenção de tipologias existentes.

No caso dos exemplares de arquitetura monumental (Teatro Guarany, Catedral de Pelotas, Colégio São José por exemplo), o próprio conceito de arquitetura excepcional com seus valores introjetados de cunho histórico e estético seria um motivo de peso para criação de uma legislação que contemplasse sua preservação.

Referente à arquitetura comum, cuja predominância se deu nas décadas 1920-1930, ressalta-se, sem dúvida o valor de testemunho de um contexto histórico e sócio-cultural vigente na época citada e sua representatividade como tipologia que traduzisse estes conceitos. Imperiosa torna-se a criação de uma legislação preservacionista para estes bens - quer exemplares individuais, quer conjuntos - que pelas suas características de arquitetura despojada não encontraram respaldo na lei 4568/00 para sua conservação.

Ornamentos orgânicos			Ornamentos geométricos acentuados			Ornamentos geométricos			Ornamentos lineares		
1 pav.	2 pav.	+ 2 pav.	1 pav.	2 pav.	+ 2 pav.	1 pav.	2 pav.	+ 2 pav.	1 pav.	2 pav.	+ 2 pav.
Aberturas verticais Alinhamento											
Aberturas quadráticas Alinhamento											
Aberturas horizontais Alinhamento											
Recuo											

Figura 43 – Matriz das categorias gerais dos prédios com cimento penteado e os imóveis que ficaram fora do Inventário do Patrimônio Cultural de Pelotas. (Anexo2)

5.3 Dificuldades encontradas para preservar o cimento penteado

As dificuldades encontradas para preservar a arquitetura com cimento penteado podem ser definidas como pertencentes a três instâncias específicas: problemas relativos às legislações de preservação e seus desdobramentos; problemas oriundos da situação urbana específica onde estão inseridos; problemas técnicos quanto a sua manutenção e restauração.

5.3.1 Problemas relativos à legislação de preservação

A legislação que rege a preservação dos imóveis integrantes do Inventário do Patrimônio Cultura de Pelotas é a lei nº. 4568/00. A lei coloca como objeto de preservação em seu Art. 3º §1º: “as fachadas públicas e a volumetria dos bens constantes do Inventário do Patrimônio Histórico e Cultural de Pelotas”. Quanto à conservação destas fachadas e volumetria, a lei conceitua em seu Art. 5º parágrafo I: “a intervenção, de natureza preventiva que consiste na manutenção do estado

preservado do bem cultural". E a reparação como: "a intervenção, de natureza corretiva, que consiste na substituição, modificação ou eliminação de elementos integrantes visando à permanência de sua integridade, ou estabelecer a sua conformidade com o conjunto".

Na forma como foi redigida, a lei nº. 4568/00 traz um problema para a preservação do cimento penteado pelo caráter excessivamente genérico na descrição do objeto da preservação. A falta de explicitação da necessidade de se manter o tipo de revestimento da fachada, além de seus elementos compositivos componentes, pode levar a interpretações errôneas da manutenção e reparação a ser dada nestas fachadas. Este fato é agravado pela lei Municipal nº5146/05 que "reduz alíquotas do IPTU e dá outras providências", altera a Lei 4878/02 que em seu art. 5º parágrafo V isenta de IPTU "os imóveis tombados ou inventariados pelo patrimônio histórico, que constem na lista oficial publicada pelo poder público, desde que mantidas as características originais, conforme normas estabelecidas pelo órgão responsável pelo respectivo tombamento ou inventariado". Não existem normas para a preservação do cimento penteado. Embora, quando solicitado, os técnicos da Secretaria Municipal de Cultura não permitam a pintura deste revestimento. A lei de isenção de IPTU é um estímulo aos proprietários a preservarem as fachadas de seus imóveis, mas também induz os mesmos a querer sua limpeza, o que em geral é feito de forma inadequada para a preservação do revestimento, de onde se conclui que há necessidade de um amparo legal para sua preservação.

5.3.2 Problemas oriundos da situação urbana onde estão inseridos

Uma das dificuldades encontradas na preservação das construções com cimento penteado está na sua localização dentro da malha urbana. Conforme foi constatado pelo levantamento, boa parte dos prédios encontra-se dentro da área central. Esta área sofre pressões imobiliárias por renovações e densificações e pressões exercidas pelo tipo de uso preponderante, o comércio. As atividades comerciais tendem a gerar atitudes competitivas pela atenção do observador ou potencial consumidor. Como resultado os comerciantes colocam em suas fachadas cores saturadas e vibrantes, letreiros e elementos de publicidade e propaganda em profusão, materiais de acabamento brilhantes, etc. tudo para chamar a atenção do consumidor. Neste contexto o cimento penteado aparece como um acabamento apagado e pouco atrativo. Haja visto que a maioria das descaracterizações são em

prédios comerciais pelo próprio interesse do comércio em adequar a sua propaganda a uma cor de fachada mais chamativa.

Outro aspecto significativo que dificulta a preservação dos exemplares mais elaborados é de que estes em geral situam-se em lotes maiores e mais bem localizados, portanto, mais atrativos para novos empreendimentos imobiliários nas áreas centrais da cidade. Como exemplos de edificações que não resistiram a estas pressões podemos mostrar as fotos abaixo:

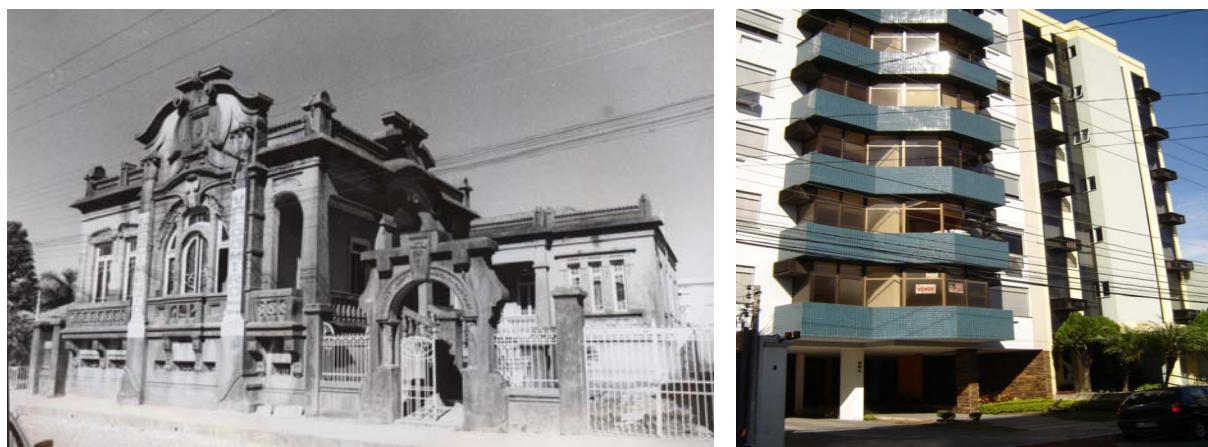


Figura 44 – Exemplo de prédio demolido, na Rua Gonçalves Chaves nº964 e os empreendimentos colocados no local. Fotos arquivo Secult (1986) e da autora (2006).



Figura 45 – Exemplo de prédio demolido, na Pça Cel Pedro Osório esquina rua Princesa Izabel e o empreendimento colocado no local. Fotos arquivo Secult (1986) e da autora (2006).



Figura 46 – Exemplo de prédio parcialmente demolido e pintado, na Pça Cel Pedro Osório nº 55 e o empreendimento colocado no local. Fotos arquivo Secult (1986) e da autora (2006).

5.3.3 Problemas técnicos quanto a sua manutenção e restauração

A maior dificuldade na preservação deste revestimento está relacionada a sua conservação. Atualmente não se conhece em Pelotas uma técnica adequada de conservação e manutenção do revestimento em cimento penteado. Também não se conhece como produzir o cimento penteado para se aplicar em partes da fachada que tenham quebrado. Estudos são necessários para indicar técnicas de recuperação das fachadas que apresentam problemas de degradação. Assim como a divulgação do modo de limpeza destas fachadas, pois está provado que jatos de água muito fortes provocam a queda do mineral que está agregado ao revestimento, alterando o revestimento daqueles exemplares que possuem o brilho natural.

A lei 4568/00 citada anteriormente prevê a preservação da fachada e não especificamente do seu recobrimento. Se o material que reveste uma fachada não for protegido por lei e por outro lado for solicitada a sua preservação, o que acontecerá com os prédios que com o passar do tempo sofrem degradações pela falta de manutenção. O próprio poder público irá aceitar uma pintura nestas fachadas para que o edifício seja preservado?

6. Conclusões e considerações finais

O presente trabalho se propôs a tentar responder às seguintes questões: que arquitetura é essa que utiliza o cimento penteado; que paisagem urbana ela ajudou a construir e; que argumentos e estratégias devem ser utilizadas para a sua preservação. Aqui vamos procurar resumir as respostas encontradas.

Na definição da arquitetura utilizada pelo cimento penteado podemos afirmar que esta caracteriza-se na sua grande maioria por linhas geométricas, esquadrias verticais, ausência de adornos rebuscados, "uma linguagem pouco carregada e com menor apelação a elementos de artesanato artísticos", (MOURA, 1998) acompanhando o uso de outros materiais como o ferro, embora constate-se a presença de outros adornos num período de transição. Ressalta-se a existência de elementos excepcionais na arquitetura monumental.

Quanto aos aspectos da paisagem urbana podemos dizer que a cor areia é relevante com 31,75% presente na área estudada, conforme demonstrado pelos registros do banco de dados, retificando a idéia de que a paisagem urbana se tornou mais cinza.

Procurando delinear considerações que possam subsidiar as políticas de preservação do município, podemos colocar que há uma maior concentração destes exemplares na zona central, contudo eles se espalham por uma área mais ampla o que nos leva a uma recomendação do incremento espacial da zona de abrangência do próprio inventário.

O valor de testemunho de um contexto histórico e sócio-cultural vigente na época citada e sua representatividade como tipologia que traduzisse estes conceitos requer uma legislação preservacionista para estes bens- quer exemplares individuais, quer conjuntos, quer exemplar de arquitetura monumental que não encontraram respaldo na lei 4568/00 para sua conservação.

Partindo da premissa da Carta de Pelotas: "Só se preserva o que se ama", o presente trabalho conclui com a recomendação de políticas de valorização do patrimônio de revestimentos em cimento penteado e de estudos para a conservação desta técnica, para que possam ser recuperados e preservados o universo objeto deste trabalho.

7. Depoimentos:

ARRIECHE, César Cazaubon. **Dados referentes a existência do cimento penteado no prédio situado a rua Anchieta nº. 2293-2297.** Pelotas. Fevereiro 2006.

BONAT, Ildemar Capdeboscq. **Dados referentes a existência do cimento penteado nos prédios construídos por seu pai Sr. Rodolpho Bonat.** Pelotas. Abril 2006

DIAS, Maria Bitencurt. **Dados referentes a existência do cimento penteado nos prédios situados a rua Dr. Miguel Barcellos nº. 540 e rua Gonçalves Chaves nº964.** Pelotas. Junho 2005.

MONTE, Fernando. **Dados referentes a técnica utilizada para na execução do cimento penteado.** Pelotas. Janeiro 2006.

NAOUMOVA, Natália. **Dados referentes à coloração do cimento penteado.** Pelotas, Abril de 2006.

OLIVEIRA, Ana Lúcia Costa de. **Dados referentes à existência do cimento penteado na Escola São Benedito. Rua Félix da Cunha nº. 990.** Pelotas. Março de 2006.

SILVA, Juliana Gadret da. **Dados referentes à existência do cimento penteado nos prédios situados na rua Andrade Neves nº. 3183 e 3189.** Pelotas. Abril 2006

8. Bibliografia

ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura.** 2 ed. São Paulo: Pró-Editores, 2000.

ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX.** Pelotas: Ed Universitária / UFPel, 2000. (Histórias e Etnias de Pelotas 1v) il

BENEVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

CALDAS, Pedro Henrique; SANTOS, Yolanda Lhullier dos. **“Guarany”, o Grande Teatro de Pelotas.** Pelotas: Semeador, 1994.

CARVALHO, Benjamim de Araújo. **História da Arquitetura.** Rio de Janeiro: Tecnoprint Ltda, [198-?]

CHEVALLIER, Ceres. **Vida e Obra de José Isella: arquitetura em Pelotas na segunda metade do século XIX.** 2002. Dissertação (Mestrado em História Teoria e Critica) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - PROPAR, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

CURY, Isabelle (org). **Cartas Patrimoniais.** 2 ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Iphan, 2000.

GUTIERREZ, Éster Bendjouya. B. **Barro e Sangue: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas. (1777-1888).** Pelotas: Editora da UFPEL, 2004.

LAER, Paulina von. **Inovação e Conservação: a Arquitetura Contemporânea como Construtora do Patrimônio Cultural.** 2002. 104 f. Monografia (Especialização em Patrimônio Cultural: Conservação de Artefatos) – Instituto de Letras e Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2002.

LEMOS, Carlos A. C. **Arquitetura Brasileira.** São Paulo: Melhoramentos, 1979.

MAGADÁN, Marcelo. Algunas cuestiones técnicas para la recuperación del símil piedra. Disponible em:<<http://www.cerroblanco.com.ar>>. Acesso em 11 jul 2005.

MEIRA, Ana Lúcia Goelzer. **O passado no futuro da cidade: Políticas Públicas e Participação Popular na Preservação do Patrimônio Cultural de Porto Alegre.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

MOURA, Rosa Rolim de. **Modernidade Pelotense, A cidade e a Arquitetura Possível: 1940-1960.** 1998. 185 f. Dissertação (Especialização em História do Brasil) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

NEAB, FAUrb. Tabela de alteração dos nomes de ruas no período de 1815 a 1967.

Netcrom - Núcleo Virtual de estudos e tecnologias de conservação e restauro de obras e monumentos. Entrevista com arquiteta Débora Magalhães da Costa (diretora IPHAE). Disponível em: <<http://www.netcrom.com.br>>. Acesso em 13 /fev/2006.

OLIVEIRA, Mônica Ribeiro. **Juiz de Fora Vivendo a História.** Disponível em <<http://www.acessa.com/cidade/cultura.apl>>. Acesso em 13/dez/2005.

PADILHA, Beatriz. **Do Fado ao Tango.** Disponível em <<http://www.instituto-camões.pt/cvc/bvb/artigos/emigraçäoplatica.pdf>>. Acesso em 10/jan/2006.

Patrimônio Mundial no Brasil. 2 ed. Brasília: Unesco; Caixa Econômica Federal, 2002. il.

PELOTAS. “Lei Municipal nº 4.568”, de 07 de julho de 2000. Estabelece áreas da cidade como zonas de preservação do Patrimônio Cultural de Pelotas – ZPPCs – lista seus bens e dá outras providências.

PELOTAS. “Lei Municipal nº 5.196, de 14 de dezembro de 2005. Disciplina a cobrança de IPTU, estimula a criação de loteamentos e dá outras providências”.

PEVZNER, Nikolaus. **Origens da arquitetura moderna e do designer.** Tradução de Luiz Raul Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BAGÉ. Bagé Ontem, Bagé Hoje. Disponível em:<<http://www.alternet.com.br/bage/album/index.html>>. Acesso em 15/fev/2006.

ROSA, Ailton Ávila da. Rio Grande em Fotos: Casarões e Prédios Históricos. Disponível em:<[http:// www.riograndeemotos.fot.br/](http://www.riograndeemotos.fot.br/)>. Acesso em 28/mar/2006.

ROIG, Carmem Vera. “**Futuro sem Pretérito?: As demolições do patrimônio edificado de Pelotas**”. 1997. 67 f. Monografia (Especialização em Patrimônio Cultural: Conservação de Artefatos) – Instituto de Letras e Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 1997.

ROIG, Carmem Vera, POLIDORI, Maurício Couto (org). **Patrimônio Cultural, Cidade e Inventário: um Caminho Possível para a Preservação**. Pelotas: [s.n.], 1999.

SALGUEIRO, Heliana Angotti. O Ecletismo em Minas Gerais: Belo Horizonte 1894-1930. In: FABRIS, Annateresa (Org.). **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel, 1987. p. 135-136.

SANCHEZ, Ana Maria. Como intervenir en un edificio con revestimiento símil piedra en sus fachadas. Disponível em <<http://www.cad2.org.ar/gaceta/65.htm>> Acesso em 11/jul/2005.

SCHLEE, Andrey Rosenthal. **Ecletismo na arquitetura pelotense até as décadas de 30 e 40**. Tese de mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

SERAPIÃO, Fernando; ROCHA, Silvério. Projeto Design. Disponível em: <<http://www.arcoweb.com.br/entrevista/entrevista54.asp>>. Acesso em 18/fev/2006.

SOARES, Paulo Roberto R. “Burgueses Inmigrantes” y Desarrollo Urbano en el Extremo Sur de Brasil. **Scripta Nova**, Barcelona, v 5, n 94, ago. 2001. Disponível em <<http://www.ub.es/geocrit/nova5.htm>>. Acesso em 10/jul/2005.

UNESCO. **La Conservación de los Bienes Culturales**. 2 ed. Tournai: Gedit, 1979. (Museos y Monumentos, v. IX).

WEIMER, Günter. A fase historicista da arquitetura no Rio Grande do Sul. In: FABRIS, Annateresa (Org.) **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel, 1987. p. 258-296.